



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JÉSSICA TAYNARA MOREIRA OLIVEIRA PEREIRA

**ENSINO SOBRE SEXUALIDADE
E ADOLESCÊNCIA NO CURSO DE ENFERMAGEM EM
UNIVERSIDADE PÚBLICA: ESTUDO QUASE
EXPERIMENTAL**

Londrina-Paraná
2024

JÉSSICA TAYNARA MOREIRA OLIVEIRA PEREIRA

**ENSINO SOBRE SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA NO
CURSO DE ENFERMAGEM EM UNIVERSIDADE PÚBLICA:
ESTUDO QUASE EXPERIMENTAL**

Exame de Defesa/
Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Enfermagem da
Universidade Estadual de
Londrina (UEL), como
requisito para a obtenção do
título de Mestre em
Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela
Aparecida Pimenta
Co-orientadora: Profa. Dra. Flávia
Lopes Gabani

Londrina-Paraná
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Pereira, Jéssica Taynara Moreira Oliveira.

ENSINO SOBRE SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA NO CURSO DE ENFERMAGEM EM UNIVERSIDADE PÚBLICA: ESTUDO QUASE EXPERIMENTAL / Jéssica Taynara Moreira Oliveira Pereira. - Londrina, 2024. 101 f.

Orientador: Rosângela Aparecida Pimenta.

Coorientador: Flávia Lopes Gabani.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Universidades - Tese. 2. Estudantes de Enfermagem - Tese. 3. Educação Sexual - Tese. 4. Promoção de Saúde - Tese. I. Pimenta, Rosângela Aparecida. II. Gabani, Flávia Lopes. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. IV. Título.

CDU 616-083

JÉSSICA TAYNARA MOREIRA OLIVEIRA PEREIRA

**ENSINO SOBRE SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA NO
CURSO DE ENFERMAGEM EM UNIVERSIDADE PÚBLICA:
ESTUDO QUASE EXPERIMENTAL**

Exame de Defesa/ Dissertação
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Enfermagem da
Universidade Estadual de Londrina
(UEL), como requisito para a
obtenção do título de Mestre em
Enfermagem.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosângela Aparecida Pimenta
Universidade Estadual de Londrina-PR

Profa. Dra. Adriana Valongo Zani
Universidade Estadual de Londrina-PR

Prof. Dr. Jonas Sâmí Albuquerque De Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - RN

Londrina, 10 de setembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu sustento e generosidade em minha vida para prosseguir com esta pesquisa e chegar até aqui.

Ao meu esposo, Ricardo Pereira, por todo apoio, carinho, amor e compreensão ao longo deste período. Aos meus pais, Silas e Elisângela, pelo incentivo de nunca desistir dos meus sonhos e por me auxiliarem nos cuidados do meu filho durante este período. Aos demais familiares (Cristina, Denise, Melissa e Elizabete), pela rede de apoio quando necessário para possibilitar a construção deste estudo.

À minha orientadora Profa. Dra. Rosângela Aparecida Pimenta e co orientadora Profa. Dra. Flávia Lopes Gabani, por toda paciência, ajuda, oportunidade, parceria e por compartilhar seus conhecimentos para construção desta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Avaliação Tecnológica e Inovação em Saúde (GEPATIS), pela experiência e compartilhamento de conhecimento científico.

Aos órgãos de fomento, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa e para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal de Nível Superior (CAPES) por me conceder a bolsa de estudo para que eu pudesse me dedicar exclusivamente a minha pesquisa durante o Mestrado.

Agradeço também a Universidade Estadual de Londrina (UEL), que sempre foi minha segunda casa, onde pude crescer e me desenvolver cientificamente, aos alunos da graduação que participaram desta pesquisa e, em especial, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF) por me apoiarem e me ajudarem neste processo.

Aos estudantes de enfermagem pela disponibilidade em participar do estudo, sem nenhuma bonificação em troca, e pela colaboração para que o mesmo ocorresse com sucesso.

A banca titular Prof^a Dra. Adriana Valongo Zani e Prof. Dr. Jonas Sâmí Albuquerque de Oliveira e banca suplente Prof^a Dra. Naiara Barros Polita e Prof^a Dra. Adriana Zilly por aceitarem participar como banca avaliadora e contribuir com seus conhecimentos para lapidação da dissertação.

A vocês, minha eterna gratidão, carinho e respeito!

**“Para que todos vejam e saibam, e
considerem e juntamente
entendam que a mão do Senhor
fez isso.” Isaías 41:20**

PEREIRA, Jéssica T.M.O. **Ensino sobre sexualidade e adolescência no curso de enfermagem em universidade pública: estudo quase experimental.** 2024. 104 páginas. Defesa de Mestrado/Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, 2024.

RESUMO

Introdução: O ensino superior é um espaço onde se pode discutir temas sobre sexualidade humana e adolescência estreitando diferenças culturais, sociais e individuais que formam os pré-conceitos e tabus intergeracionais. O enfermeiro atua na prevenção, promoção, tratamento e reabilitação de diversos grupos etários, fazendo-se necessário formar profissionais preparados para abordar essa temática de forma adequada adolescentes e jovens nos diferentes cenários assistências. **Objetivo:** Analisar o conhecimento de graduandos de enfermagem sobre a participação na unidade curricular Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva e compreender sua vivência quanto ao processo de ensino aprendizagem sobre sexualidade e adolescência. **Método:** Estudo de abordagem quantitativa e qualitativa. Para a etapa quantitativa o delineamento foi o estudo quase experimental do tipo antes e depois e a qualitativa, pautada no referencial teórico Edgar Morin, em outubro e dezembro de 2023. Participaram graduandos do 2º ano do curso de Enfermagem de uma universidade pública do norte do Paraná que responderam um instrumento constituído por questões fechadas em dimensões (construção do corpo humano, gênero, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e violência) (pré-teste) antes e imediatamente após a unidade curricular por meio da plataforma *Google Forms*® no próprio aparelho móvel. Os dados foram organizados e analisados no software R Core Team®, versão 2020, aplicou-se o t-Student pareado considerando nível de significância de 5%. Ao término da unidade curricular os graduandos participaram de grupos focais. **Resultados:** Dos 46 estudantes da série, 41 participaram dos momentos pré e pós-teste, sendo 85% do sexo feminino, média de 21 anos e 68% cristãos. A proporção de acertos gerais no pré e pós-teste revelou que houve aumento significativo $p=1.77e-12$ na média de acertos. Os acertos foram semelhantes no pré e pós-teste, sendo o maior aumento na dimensão construção do corpo humano de 8,4 ($\pm 1,37$) para 10,6 ($\pm 0,48$), $p=5,66 \times 10^{-12}$ e infecções sexualmente transmissíveis de 7,3 ($\pm 1,33$) para 8,6 ($\pm 1,02$), $p=3,37 \times 10^{-7}$. Questões sobre gênero de 2,6 ($\pm 0,73$) para 3,1 ($\pm 0,30$), $p=2,04 \times 10^{-4}$ e violência de 2,6 ($\pm 0,69$) para 3,5 ($\pm 0,64$); $p=1,06 \times 10^{-6}$. A partir da análise dos discursos dos graduandos foi possível construir dois temas e subtemas: 1. Vivência da unidade sexualidade e adolescência, 1.1 A voz do ensino médio no ensino superior, 1.2 Vivência na unidade e uso de metodologias ativas; 2. Reproduzindo a temática para os adolescentes na escola, 2.1 Vivenciando na pele o “ser professor”; 2.2 Feedback dos adolescentes para os estudantes; 2.3 Perspectivas para ser enfermeiro e educador sexual; 2.4 Políticas públicas para promoção da saúde sexual. **Conclusão:** Houve retenção do conhecimento e aprendizagem significativa sobre sexualidade e adolescência após a participação na unidade curricular. Discutir sobre sexualidade humana e adolescência no curso forneceu subsídios para o próprio aprendizado e, quando aplicado aos adolescentes na escola, potencializou o processo de ensino aprendizagem. Os achados deste estudo demonstraram a importância desta abordagem durante a formação do graduando de enfermagem, para que o mesmo,

no futuro, esteja instrumentalizado para lidar e manejar adequadamente os adolescentes no que tange a sexualidade, prevenção e promoção da saúde sexual.

Descritores: Estudantes de enfermagem; Educação sexual; Adolescência; Universidades; Promoção da saúde; Enfermagem pediátrica.

PEREIRA, Jéssica T.M.O. **Teaching about sexuality and adolescent in the nursing course at a public university: almost experimental study.** 2024. 104 pages. Master's Degree Dissertation (Master's Degree in Nursing) – State University Londrina, Londrina, Paraná, 2024.

ABSTRACT

Introduction: Higher education is a space where topics about human sexuality and adolescence can be discussed, narrowing cultural, social and individual differences that form intergenerational preconceptions and taboos. Nurses work in the prevention, promotion, treatment and rehabilitation of different age groups, making it necessary to train professionals prepared to adequately address this issue with adolescents and young people in different care settings. **Objective:** To analyze the knowledge of nursing students about participation in the curricular unit Sexuality: building support for comprehensive care for sexual and reproductive health and understand their experience regarding the teaching-learning process about sexuality and adolescence. **Method:** Quantitative and qualitative study. For the quantitative stage, the design was a quasi-experimental before-and-after study and a qualitative one, based on the Edgar Morin theoretical framework, in October and December 2023. Participating were 2nd year undergraduates of the Nursing course at a public university in the north from Paraná who answered an instrument consisting of closed questions in dimensions (construction of the human body, gender, contraceptive methods, sexually transmitted infections and violence) (pre-test) before and immediately after the curricular unit through the Google Forms® platform in the same mobile device. The data were organized and analyzed using the R Core Team® software, version 2020, using the paired t-Student test considering a significance level of 5%. At the end of the curricular unit, undergraduates participated in focus groups. **Results:** Of the 46 students in the series, 41 participated in the pre- and post-test moments, 85% of whom were female, an average of 21 years old and 68% were Christian. The proportion of general correct answers in the pre- and post-test revealed that there was a significant increase $p=1.77e-12$ in the average number of correct answers. The correct answers were similar in the pre- and post-test, with the greatest increase in the human body construction dimension from 8.4 (± 1.37) to 10.6 (± 0.48), $p=5.66 \times 10^{-12}$ and sexually transmitted infections from 7.3 (± 1.33) to 8.6 (± 1.02), $p=3.37 \times 10^{-7}$. Questions about gender from 2.6 (± 0.73) to 3.1 (± 0.30), $p=2.04 \times 10^{-4}$ and violence from 2.6 (± 0.69) to 3.5 (± 0.64); $p=1.06 \times 10^{-6}$. From the analysis of the undergraduates' speeches, it was possible to construct two themes and subthemes: 1. Experience of the sexuality and adolescence unit, 1.1 The voice of high school in higher education, 1.2 Experience in the unit and use of active methodologies; 2. Reproducing the theme for teenagers at school, 2.1 Experiencing "being a teacher" firsthand; 2.2 Feedback from teenagers to students; 2.3 Perspectives for being a nurse and sex educator; 2.4 Public policies to promote sexual health. **Conclusion:** There was retention of knowledge and significant learning about sexuality and adolescence after participating in the curricular unit. Discussing human sexuality and adolescence in the course provided support for one's own learning and, when applied to adolescents at school, enhanced the teaching-learning process. The findings of this study demonstrated the importance of this approach during the training of nursing students, so that they, in the future, are equipped to deal with and adequately manage adolescents with regard to sexuality, prevention and promotion of sexual health.

Descriptors: Students Nursing; Sex education; Adolescent; Universities; Health Promotion; Pediatric nursing

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Temáticas aplicadas durante as oficinas de prevenção na unidade II subsídios sobre sexualidade humana. Londrina, Paraná, 2024.....	33
---	----

LISTA DE FIGURAS

Estudo 1

- Figura 1** – Comparação da média de acertos dos graduandos de enfermagem, antes e após participação na oficina de educação sexual. Londrina, Paraná, 2024..... 52
- Figura 2** – Comparação da proporção média de acertos, no pré e pós teste das quatro dimensões. Londrina, Paraná, 2024..... 54

LISTA DE TABELAS

Estudo 1

Tabela 1 – Média de acertos em cada dimensão, antes e após realização da unidade curricular.	Londrina,	Paraná,
2024.....		53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANOVA	Análise de Variância
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNE	Conselho Nacional de Educação
CES	Câmara de Educação Superior
COREQ	<i>Consolidated Criteria For Reporting Qualitative Research</i>
CEP	Comitês de Ética em Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CTA	Centro de Testagem e Aconselhamento
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GEPATIS	Grupo de estudos e pesquisa em avaliação tecnologia e inovação em saúde
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV	Papiloma Vírus Humano
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei das Diretrizes Bases da Educação
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Interssexuais, Assexuais
LABESC	Laboratório Escola de Pós-Graduação
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGENF	Programa de Pós-graduação em Enfermagem
PNE	Plano Nacional de Educação
PMAQ-AB	Programa de Melhoria de Acesso e da Qualidade
PSE	Programa Saúde na Escola
SUS	Sistema Único de Saúde
SVSA	Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente
SINASC	Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEL Universidade Estadual de Londrina
UNAIDS Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids
UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO

2 CONTEXTUALIZAÇÃO	18
2.1 Adolescência e modificações fisiológicas.....	18
2.2 Adolescentes do século 21.....	19
2.3 Vulnerabilidades na adolescência & sexualidade.....	21
2.4 A educação sexual para adolescentes no Brasil.....	26
2.5 Formação do enfermeiro em sexualidade humana e educação sexual.....	27
2.5.1 Metodologias ativas para o processo de ensino-aprendizagem sobre sexualidade e educação sexual no ensino superior.....	30

3 RESULTADOS 44

3.1 ESTUDO 1 - ENSINO CURRICULAR SOBRE SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA PARA ESTUDANTES DE ENFERMAGEM; ESTUDO QUASE EXPERIMENTAL

3.1.1	Resumo.....	45
3.1.2	Introdução.....	46
3.1.3	Material e Método.....	47
3.1.4	Resultados.....	52
3.1.5	Discussão.....	54
3.1.6	Limitações do estudo.....	60
3.1.7	Contribuições do estudo.....	60
3.1.8	Conclusão.....	61
3.1.9	Referências.....	61

4.2. ESTUDO 2 - SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA PARA ESTUDANTES DE ENFERMAGEM; ANÁLISE A LUZ DA COMPLEXIDADE DE MORIN.

4.2.1	Resumo.....	65
4.2.2	Introdução.....	66
4.2.3	Material e Método.....	67

4.2.3.1 Tipo de estudo.....	67
4.2.3.2 Referencial teórico.....	67
4.2.3.3 Cenário do estudo.....	69
4.2.3.4 Participantes do estudo.....	70
4.2.3.5 Coleta de dados.....	72
4.2.3.6 Análise dos dados.....	73
4.2.3.7 Aspectos éticos.....	73
4.2.4 Resultados e Discussão.....	74
4.2.5 Limitações do estudo.....	87
4.2.6 Contribuições do estudo.....	87
4.2.7 Conclusão.....	88
4.2.8 Referências.....	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95

APÊNDICES

APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados (Pré e pós-teste).....	96
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Graduandos.....	99

ANEXOS

ANEXO A – Parecer de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa.....	100
--	-----

1 APRESENTAÇÃO

Iniciei meu percurso acadêmico ao ingressar na graduação de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2017. Desde o início, me dediquei à pesquisa, participando do GEPATIS e desenvolvendo a Iniciação Científica com bolsa CNPq durante todo o curso, escolhas que me fizeram trilhar o que vivo hoje, a realização do Mestrado em Enfermagem.

Ao término do curso, no ano de 2021, atuei como professora no curso técnico de Enfermagem na cidade de Bauru-SP e, ao retornar para Londrina-PR, ingressei no mercado de trabalho na pediatria e Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica do Hospital do Câncer de Londrina.

No ano de 2023, iniciei o Mestrado em Enfermagem sob a orientação da Prof^a Dra. Rosângela Aparecida Pimenta, que me acompanha e orienta desde o primeiro ano da graduação e me apresentou o projeto multicêntrico: “Adolescência e juventude & exposição ao HIV em estados brasileiros: análise epidemiológica, geoespacial e desenvolvimento de ações preventivas multiplicadoras”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que fez meus olhos brilharem para a educação sexual e pelo mundo da docência, despertando ainda mais meu interesse por este assunto, possibilitando a realização deste estudo, um recorte especificamente, com a formação dos estudantes do curso de Enfermagem da UEL.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Adolescência e modificações fisiológicas

A adolescência é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o período dividido em três fases, sendo eles: pré-adolescência dos 10 aos 14 anos, adolescência dos 15 aos 19 anos e juventude dos 15 aos 24 anos (OMS, 2009). Para a Organização das Nações Unidas (ONU) este período é dos 10 aos 24 anos, sendo adolescentes de 10 a 19 anos e jovens de 15 a 24 anos (ONU, 2015). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescente, segundo a Lei 8.069 de 1990, a faixa etária de 12 a 18 anos de idade e, em casos excepcionais, pode ser aplicado até 21 anos de idade (Brasil, 1990).

O período da adolescência é marcado por grande desenvolvimento humano e transições biopsicossociais. Nesta fase, ocorre a desconstrução da infância, reorganização emocional, maturação, independência, além de transformações físicas e sociais, como necessidade de pertencimento de grupos sociais (Brasil, 2017).

Inicia-se alterações em relações sociais, busca pela autonomia e independência familiar, e experimentação intensa de diversos sentimentos. No campo biológico, ocorrem mudanças físicas e hormonais, interferindo diretamente na saúde do indivíduo e em seu desenvolvimento na fase adulta (Costa *et al.*, 2019).

Quando esses hormônios aparecem de forma aumentada antes do momento ideal, chama-se de puberdade precoce. As principais consequências da puberdade precoce, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2023), envolvem maiores risco de abuso sexual, baixa estatura quando adulto e maior risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2, obesidade, hipertensão e alguns tipos de câncer em mulheres devido à exposição ao hormônio estrógeno. Nas meninas, espera-se que este período se inicie até os 13 anos e nos meninos, 14 anos (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2023).

As modificações fisiológicas que ocorrem durante o período da adolescência, podem levar a antecipação da primeira relação sexual (Buttmann *et al.*, 2014; Lewis *et al.*, 2014). A antecipação da primeira relação sexual é considerada precoce quando ocorre antes dos 15 anos de idade e pode estar associada a

problemas graves de saúde pública, como abortos inseguros, exposição às infecções sexualmente

transmissíveis 19 (IST), gravidez na adolescência e início tardio do pré-natal (Thitasan *et al.*, 2019; White *et al.*, 2016).

Em geral, a iniciação sexual pode ocorrer de maneira desprotegida, e expor a uma gravidez não planejada com implicações sociais, econômicas e biológicas, tais como: interrupção das atividades escolares; abandono do parceiro; necessidade de entrar no mercado de trabalho informal devido à baixa escolaridade; pré-natal tardio; desenvolver doenças cardiovasculares, endócrinas e infecciosas; adquirir Infecção sexualmente transmissível/ Síndrome da Imunodeficiência adquirida (IST/aids) durante a gestação e transmissão vertical de HIV; e risco de complicação intra e pós parto. Estas últimas podem resultar no parto prematuro e morbimortalidade materna e neonatal (Castro Silvério, 2018; Arruda *et al.*, 2022; Sá *et al.*, 2022; Assis *et al.*, 2021).

A iniciação sexual e a ausência da orientação sexual no ambiente familiar, espaços de saúde e nas escolas também podem intensificar comportamentos desprotegidos e maior exposição a múltiplos parceiros e, por conseguinte, potencializar a disseminação de IST e do HIV/Síndrome da Imunodeficiência humana (Monteiro; Jesus, 2019; Assis *et al.*, 2022).

Essas transformações, acrescidas de outros fatores externos, como por exemplo o ambiente, condições culturais e religiosas, contexto familiar e acesso à informação podem resultar em diferentes vulnerabilidades (Fonseca *et al.*, 2013).

2.2 Adolescentes do século 21

Indivíduos que nasceram no fim da década de 1990 até os primeiros anos da década de 2010, são classificados como geração Z, também conhecidos como zoomers. Eles são diretamente impactados pela revolução tecnológica da informação e das comunicações ocorridas no final do século XX e início do século XXI. As formas e maneiras de pensar e estar no mundo também foram modificadas. Esta nova realidade de gerações digitais, formam novos tipos de sujeitos e demandam de novas tecnologias e educadores mais sintonizados com a atual geração (Silveira *et al.*, 2010).

A busca pela identidade social é gerada por meio da interação social e grupos de amigos. Nesta fase, os jovens multiplicam suas atividades e interação, para obter o máximo possível de contato com o mundo adulto com o objetivo de ganhar acesso, influência e poder na sociedade. Nesta fase, os grupos sociais frequentados pelos

adolescentes costumam ter normas e costumes próprios que conflitam com os padrões familiares ou até mesmo da sociedade (Silveira *et al.*, 2010).

No livro, "A geração ansiosa", Jonathan Haidt (2024), define os adolescentes da geração Z como cobaias de uma nova maneira de crescer, intitulada por ele como o fenômeno da "Grande Reconfiguração da Infância". Os jovens desta geração vivem uma infância baseada no celular, não se expõem aos desafios e experiências sociais necessários para o desenvolvimento de habilidades humanas básicas. Além disso, passam menos tempo brincando, conversando, tendo contatos sociais/visuais, o que reduz as interações sociais e essenciais para o bom desenvolvimento humano (Haidt, 2024).

Com a migração da vida social para a internet, os jovens navegam cada vez mais em espaços adultos, consumindo conteúdos impróprios e muitas vezes prejudiciais. Pré-adolescentes deste século encontram-se em um ponto vulnerável do desenvolvimento. Costumam se sentir socialmente inseguros e atraídos por qualquer atividade que lhes pareça ofertar validação social. Existem também uma dificuldade na transição da adolescência para vida adulta e as responsabilidades associadas a ela, conhecida como síndrome do Peter Pan (Haidt, 2024).

Estudo realizado no ano de 2021, com alunos do primeiro ano do curso de Medicina, aborda sobre a importância da diversidade dos métodos de ensino para que os jovens da geração Z se apropriem do conhecimento de maneira eficaz, uma vez que possuem diferentes tipos de aprendizagem e grande volume de informações disponíveis por meio dos meios de comunicação. Conclui-se neste estudo que o educador deve repensar de maneira contínua estratégias de ensino para que possam atender as necessidades dos indivíduos em diferentes épocas (Maba *et al.*, 2021).

Por este motivo, é tão importante que o futuro profissional de saúde e educador saiba utilizar diferentes metodologias, incluindo as metodologias ativas, para que estes jovens possam adquirir o conhecimento de maneira correta.

Existe uma escassez de pesquisas acadêmicas voltadas para essa geração, que pode ser explicada pelo cenário de incertezas e reajustes enfrentados pela mesma. Apesar disso, faz-se necessário estudar sobre esta geração, uma vez que esses jovens já estão se inserindo no mercado de trabalho e trazendo desafios para as organizações de compreendê-los devido suas características de relações estreitas com a tecnologia e meios de comunicação (Bezerra *et al.*, 2019).

2.3 Vulnerabilidades na adolescência & sexualidade

A vulnerabilidade é caracterizada como o estado de ser/estar exposto ao perigo ou a potenciais danos em relação à fragilidade que acomete o indivíduo. Ela está associada não apenas a contextos individuais, mas também coletivos. Um ser humano vulnerável pode ser apoiado para criar capacidades necessárias para mudar sua condição (Carmo; Guizardi, 2018).

Para Ricardo Ayres (2006), a vulnerabilidade é composta por três dimensões interconectadas, sendo elas a vulnerabilidade individual, social e programática. A dimensão individual, caracteriza-se pelo comportamento individual de cada sujeito e ao seu processo de saúde-doença. Considera o modo de vida, informações adquiridas e posturas familiares em busca da saúde. A dimensão social, está associada ao “socialmente construído”, considerando relações de poder, normas, acesso a bens materiais, cultura e política. A organização social de cada sujeito pode determinar seu acesso a bens de consumo, conhecimento sobre direitos sociais e de saúde. A dimensão programática, associa o poder de instituições sobre a vida da sociedade e proteção da população e do adoecimento e promoção de saúde. Esta dimensão está relacionada com definições políticas específicas da saúde, avaliando a integralidade e equidade de ações, acesso a serviços e qualidade da assistência, dialogando em harmonia com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) (Ayres, 2006).

Segundo Ayres, não é possível trabalhar as vulnerabilidades sem antes pensar no cuidado, por isso é necessário reconstruir também o modo em que os profissionais de saúde lidam com os públicos específicos de cada ação e, muitas vezes, os profissionais de saúde se sentem oprimidos pela prática engessada de saberes técnicos-científicos (Ayres, 2018). Há que se pensar que estes saberes podem ser vivenciados durante o período de formação no ensino superior e, quando são inseridos no mercado de trabalho, têm poucas oportunidades em superar esta prática.

Outro ponto importante é a discussão sobre identidade de gênero. Jesus (2012), aborda que a identidade de gênero está ligada as formas com que o indivíduo se expressa, características pessoais, como se identifica independente do sexo biológico. Beauvoir (2009), entende a sexualidade como sentimentos inerentes,

estabelecida ao longo da vida, influenciada pelas relações sociais e culturais de cada indivíduo.

No âmbito escolar, a discussão sobre sexualidade e gênero recai na qualidade científica da informação, devido ao seu elevado impacto moral. Além de informações científicas, esses debates são importantes na vida dos jovens, uma vez que abordam projetos de vida, relações de amizade e pertencimentos religiosos. Na religião, esta discussão influencia nos seus códigos de valores, com a introdução da noção de pecado com relação a certos comportamentos (Seffner, 2020).

No que se refere aos cursos da área da saúde no ensino superior quanto às temáticas das diferentes fases da vida (da criança ao idoso), especificamente no que tange o ensino sobre promoção da saúde e adolescência, estas podem ser suprimidas ou ausentes. Ressaltamos que a fase da adolescência é um momento importante para a realização de ações de promoção e de intervenção em saúde, prevenindo os riscos de danos físicos, psicológicos e sociais que repercutem até na vida adulta (Brasil, 2010), tais como a morbimortalidade por agravos preveníveis, em especial, aqueles ocasionados direta e indiretamente pelas causas externas, tais como: violências, IST/Aids, gestações de risco, abortos, prematuridade.

Especificamente, quanto à gestação na adolescência, no Brasil, em 2021, totalizou 13,7% , um pouco menor quando comparado ao ano de 2020, em que os casos eram de 14% e, no estado do Paraná, 11,1% (Brasil, 2021).

Em nosso país, a taxa de mães adolescentes (entre 15 e 19 anos) é 50% maior que a média mundial (46 nascimentos a cada mil meninas nessa faixa etária), enquanto no Brasil 68,4 e em 2020, foram registradas 17,5 mil mães adolescentes entre 10 e 14 anos. Os impactos com relação à gravidez precoce são negativos no cenário nacional e internacional, pois dificulta a inserção dessas jovens mães no mercado de trabalho, mantendo um círculo vicioso de pobreza e dificuldades. Além disso, gestações em menores de 15 anos são consideradas de risco, devido à maior probabilidade de apresentarem baixo peso ao nascer e morte em filhos de mães menores de 20 anos (Brasil, 2022).

Filhos de mães adolescentes apresentam maiores índices de mortalidade infantil no primeiro ano de vida, 3 vezes maior do que mães adultas e 6 vezes maior incidência de morte súbita. Também, de acordo com o Ministério da Saúde, a probabilidade de morte materna durante o parto ou relacionado à gravidez é 2 vezes

maior em adolescentes do que em mulheres de 20 anos ou mais. Para mães menores de 15 anos, este risco aumenta em 5 vezes (Brasil, 2022).

Vale destacar que gestação na adolescência pode ser resultado da violência sexual. Esse tipo de violência pode ocorrer extrafamiliar ou intrafamiliar. No Brasil, no ano de 2024, até o momento foram registradas 11.692 denúncias relacionadas à violência sexual à crianças e adolescentes. De acordo com a OMS, 320 crianças e adolescentes são explorados sexualmente a cada 24 horas, em nosso país (Brasil, 2024).

Durante a pandemia do Covid-19, devido ao isolamento social, esses riscos foram amplificados, levando ao aumento dos números de denúncias de abuso sexual em algumas regiões do Brasil. Na zona oeste do estado de São Paulo, as denúncias aumentaram em 600% em 2020 em relação ao ano de 2019 (Custódio; Cabral, 2021).

A iniciação sexual ou prática sexual na adolescência sem proteção pode expor à aquisição de IST consideradas patologias comuns que afetam a vida e saúde de pessoas no mundo. Essas infecções são causadas por vírus, bactérias e outros microrganismos durante o ato sexual desprotegido, pode ocorrer também durante a gestação, parto e amamentação e resultar em complicações ao feto e comprometer as condições do trabalho de parto, parto e desenvolvimento da criança. As principais infecções são: herpes genital, cancro mole, papilomavírus humano 22 (HPV), doença Inflamatória pélvica, gonorreia, linfogranuloma venéreo, sífilis, tricomoníase, HIV entre outras (Brasil, 2021).

Segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o vírus da imunodeficiência humana - HIV/Aids (UNAIDS, 2021) no ano de 2021, 1,5 milhão de novas pessoas foram infectadas pelo HIV. O número de pessoas infectadas pelo vírus com idade igual ou superior a 15 anos foi de 36,7 milhões e 1,7 milhão de zero a 14 anos. Entre essas, apenas 76% dos adultos e 52% das crianças tiveram acesso ao tratamento (Brasil, 2022).

No ano de 2022, no Brasil, foram registrados 434.803 casos de HIV sem desenvolvimento da doença e 11.238 óbitos pela doença (AIDS). No estado do Paraná, houve a notificação de 941 casos de aids com 558 óbitos pela doença e 2.261 casos de HIV. Em 2023, o estado teve 655 casos de aids, 124 mortes e 1.950 casos de HIV (Paraná, 2023).

Dados do último Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente (SVSA), o Paraná é o segundo maior estado da região Sul do país com casos de HIV. No último relatório publicado pela UNAIDS, intitulado “O caminho que põe fim à aids, 39 milhões de pessoas no mundo convivem com HIV com um adicional de 1,6 milhão recebendo tratamento em cada um dos anos 2020, 2021 e 2022 (UNAIDS, 2023).

Segundo este relatório, se o aumento for mantido a meta global para 2025 de 35 milhões de pessoas em tratamento para o HIV poderá ser alcançada. Houve um declínio no número de casos e novas infecções principalmente nas crianças (zero a 14 anos) e adolescentes (15 a 24 anos) (UNAIDS, 2023). Cabe ressaltar que as adolescentes têm a iniciação sexual mesmo precoce e não buscam assistência nos serviços de saúde, a exemplo, para a realização do exame Papanicolau e receber orientações para prevenção e tratamento oportuno de IST, bem como a cobertura vacinal contra o HPV ainda não atinge a totalidade dos adolescentes. Outra preocupação é o tempo que adolescentes e jovens permanecem com a IST e mantendo relações sexuais com diferentes parceiros, aumentando significativamente a disseminação desta e outras IST (Brasil, 2023).

Segundo dados do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), na cidade de Londrina-PR, em um período de 8 meses (janeiro a agosto de 2020), 813 pessoas realizaram testes para detecção de IST. Entre eles, 36 homens e 4 mulheres 23 positivaram para HIV, sendo que aproximadamente 30% tinham entre 20 e 24 anos. Além disso, houve resultados positivos para outras infecções como sífilis e hepatite B (Hedler, 2021).

De acordo com a OMS, entre 2010 e 2020, o número de jovens na faixa etária de 13 a 19 anos acometidos por IST aumentou aproximadamente 1,7%. A maior incidência foi de sífilis entre 20 e 29 anos, sendo os adolescentes e jovens adultos os que mais contribuíram para o aumento, apesar de representarem apenas um quarto da população sexualmente ativa. Os casos de sífilis adquirida nesta população, entre 13 e 19 anos, aumentaram 2,2 vezes de 2015 a 2021 (Brasil, 2021).

De modo geral, o número de casos de IST entre jovens de 15 a 19 anos, teve um aumento de 64,9% em um período de 10 anos (Brasil, 2022). Ainda é insipiente as campanhas governamentais para a prevenção das IST/Aids para adolescentes e jovens no país para mudar este cenário.

O nível de conhecimento dos adolescentes com relação a sua sexualidade e vida sexual segura é baixo e, os mesmos, tendem a procurar um serviço de saúde apenas quando apresentam algum sintoma. Porém grande parte das IST são assintomáticas, por isso há um alto potencial de transmissão por não saberem que estão contaminados (Franco *et al.*, 2020).

Em uma entrevista, realizada com o sociólogo Alexandre Grangeiro (2018), há uma mudança no comportamento sexual dos jovens, em que gerações nascidas após a década de 1990 apresentam maiores taxas de infecções. Este pesquisador e sociólogo afirma ainda que:

“...estamos em um momento decisivo da epidemia de HIV/aids em nosso país. Ou vamos para um lado efetivo de enfrentamento ou continuaremos convivendo com a aids enquanto problema de saúde pública ao longo do tempo”.

Para o autor isso ocorre devido à soma de diferentes questões associadas como o aumento do uso de drogas injetáveis durante a relação sexual, redução do uso de preservativos e ausência de atividades educativas nas escolas. Para ele, a nova geração é “analfabeta” ou “incapaz” de lidar com sexualidade e HIV (ABRASCO, 2018).

De acordo com o Relatório de Monitoramento Clínico do HIV, do Ministério da Saúde, 34% dos diagnosticados com HIV na faixa etária dos 18 aos 24 anos não realizaram tratamento com retrovirais. Além disso, esses jovens são mais negligentes quanto ao uso de preservativo, método mais indicado para prevenção de IST (Brasil, 2022).

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) com alunos do nono ano do ensino fundamental, 27,5% consideravam-se sexualmente ativos e, desses, apenas 66,2% haviam utilizado preservativo na última relação sexual. Além disso, houve um aumento nas formas de encontros sexuais com aplicativos de relacionamento, promovendo uma ideia de sexo casual com maior facilidade, elevando a falta de prevenção e cuidado.

Outro fator importante, com relação ao aumento das taxas de IST, é o crescente número da população LGBTQIA+, que muitas vezes sofrem preconceitos nos ambientes escolares, familiares, e até mesmo nos próprios serviços de saúde,

diminuindo o acesso aos meios de prevenção, tendo suas primeiras experiências sexuais em contextos adversos, com pouco acesso à informação e cuidados (Monteiro; Jesus, 2022).

2.4 A educação sexual para adolescentes no Brasil

O direito à educação é previsto como direito social desde a Constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 1990, artigo 3º e 4º que dispõem sobre direitos fundamentais da criança e do adolescente, assegurando-lhes o direito de desenvolvimento físico e mental e efetivação de direitos referentes à saúde, educação, proteção e dignidade sexual, independente da sua situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, condição econômica ou social. Com base na Lei das Diretrizes Bases da Educação (LDB), Lei 9.394 de 1996, artigo 2, determina que a educação é um dever da família e do Estado, com princípios de liberdade e ideais de solidariedade humana, com a finalidade de pleno desenvolvimento do educando (Brasil, 1996). Logo, é dever da família, mas também do Estado promover educação sexual, com hábitos saudáveis, e incentivando desde a infância o cuidado com a saúde sexual e prevenção de IST e gravidez indesejada (Fernandes, 2010).

No ano de 2010, foi divulgado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura), um edital sobre "Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade", recomendando abordagem de temas relacionados à sexualidade com crianças a partir de cinco anos de idade, adolescentes e adultos. Para atingir este padrão estabelecido pela UNESCO, os profissionais de saúde precisam deter um conhecimento científico sobre sexualidade, com a finalidade de definir estratégias e ações pró educação sexual baseada em evidências científicas (Unesco, 2017).

É responsabilidade dos serviços de saúde, escola e profissionais de saúde encontrarem estratégias e estabelecerem vínculos com esses jovens, por meio de uma relação respeitosa e acolhedora, para emponderá-los quanto à sua sexualidade e vida reprodutiva (Sehnm *et al.*, 2019; Silva *et al.*, 2020).

No ano de 2007, foi implementado pelo Ministério da Saúde, por meio do decreto Presidencial nº 6.286, o Programa Saúde na Escola (PSE) que tem como

finalidade contribuir para formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. Os objetivos principais deste programa, englobam: contribuir para prevenção de infecção pelo HIV e outras patologias sexualmente transmissíveis; prevenção da gravidez não planejada; desenvolver ações articuladas no âmbito das escolas e unidades básicas de saúde; envolver toda comunidade escolar na promoção e ações em saúde sexual e reprodutiva (Brasil, 2007).

Apesar da criação do programa, os casos de gravidez na adolescência e IST, permanecem altos nesta população (SINASC, 2019; IBGE, 2021). Em 2011, foi lançado o Programa de Melhoria de Acesso e da Qualidade (PMAQ-AB), com o objetivo de incentivar gestores e equipes a melhorarem a qualidade dos serviços de saúde oferecidos ao cidadão, entre eles ações voltadas para saúde sexual e reprodutiva.

Além dos programas e estratégias implementadas ao longo das décadas no país e que ainda se mostraram pouco eficazes para a redução desses agravos na população adolescente, consideramos que a formação dos profissionais da saúde e da educação pode, a médio e a longo prazos, impactar positivamente na saúde sexual desta população e, por conseguinte, diminuir os agravos acima descritos.

O papel do enfermeiro vai além da assistência curativa, priorizando também ações preventivas e promoção da saúde dos diferentes grupos etários, bem como reconhecendo o usuário como protagonista do seu processo saúde-doença na busca de melhor qualidade de vida (Brasil, 2019). Abordagens participativas guiadas por metodologias ativas sobre sexualidade e educação sexual para adolescentes tem os profissionais de enfermagem como principais agentes da disseminação do autocuidado para minimizar os agravos à saúde (Santos *et al.*, 2019).

2.5 Formação do enfermeiro em sexualidade humana e educação sexual

Segundo a Resolução n° 573, de 2018, que considera as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação da área da saúde, o artigo 9 aborda sobre a importância da formação dos enfermeiros estar orientada para necessidades individuais e coletivas da população, abordando entre elas questões sobre orientação sexual de cada indivíduo.

De acordo com as DCN para o curso de graduação em Enfermagem (DCN/ENF), conforme a Resolução do Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Superior (CNE/CES), do ano de 2001, é necessária uma proposta de modelo de atenção de acordo com o Sistema Único de Saúde (SUS) com enfoque na prevenção de agravos, promoção de saúde e participação ativa na comunidade (Brasil, 2001).

Apesar da importância da abordagem do tema sexualidade pelos profissionais de saúde, existe uma escassez na bibliografia sobre a temática quando relacionada à enfermagem na prática assistencial em nível de atenção primária. Em uma breve retrospectiva, percebe-se que na década de 70 já era notória a ausência de formação e enfermeiros despreparados para abordagem sexual. A omissão do estudo do comportamento sexual é prejudicial à enfermagem, uma vez que o mesmo enfrentará situações desta natureza posteriormente (Magnety, 1975).

Em 1973, a OMS revelou que o currículo de enfermagem possuía um enfoque holístico, porém, a prática profissional continuava negando este discurso. O aluno recebia a mensagem que o ser humano é importante em todos os aspectos exceto na área sexual (Mims, 1975).

Na década de 80, alguns professores continuavam resistentes quanto à inclusão de conteúdo sobre sexualidade no currículo devido à falta de conhecimento ou informação em sua própria graduação. Quando este assunto era incluído, geralmente estava associado a doenças, ao invés de uma abordagem holística (Whipple, 1980).

Somente no ano 2000, foi possível encontrar na bibliografia norte-americana o livro denominado "Saúde sexual – Fundamentos para prática", com autoria de duas enfermeiras que reconheciam o tema sexualidade humana como elemento chave para o cuidado de enfermagem e assistência da saúde (Wilson, 2000).

Apesar disso, ainda no Brasil a situação é bem semelhante às décadas de 70 e 80. Ao analisarmos currículos das escolas da área da saúde, principalmente enfermagem e medicina, pouco se fala sobre sexualidade nos conteúdos programáticos (Santos, 2007).

O enfoque normalmente é relacionado ao aparelho reprodutivo masculino e feminino, processo de reprodução, sem orientação sobre questões da natureza sexual na formação destes profissionais. Em contrapartida, o cuidado holístico do indivíduo

tem sido cada vez mais enfatizado pelas universidades, fazendo-se necessário o planejamento da assistência de enfermagem de forma singular, incluindo aconselhamento sexual, levando este tema como obrigatório na formação do futuro enfermeiro (Santos; Ribeiro; Campos, 2007).

Em uma revisão de literatura realizada no ano de 2017, os autores identificaram que futuros enfermeiros, ainda durante a graduação, sentem dificuldade em discutir assuntos relacionados ao tema sexualidade ou inserir cuidados relativos à dimensão sexual na prescrição de enfermagem (Rezende & Sobral *et al.*, 2016; Sehnem *et al.*, 2013). Outro estudo, com relação à formação docente, revelou que estes se sentem despreparados para lidar com o tema sexualidade com seus pacientes. Por isso, a inclusão deste tema é tão importante durante a graduação (Rezende & Sobral *et al.*, 2016), pois a deficiência faz com que a atuação profissional seja omitida devido ao desconhecimento e preconceito (Nogueira *et al.*, 2017).

Pesquisa realizada com sete estudantes do curso de graduação de Enfermagem do último ano, identifica que a forma superficial de abordagem do tema sexualidade durante a graduação não correspondeu com as expectativas, bem como com a profundidade necessária para o cuidado como enfermeiros (Figueiroa *et al.*, 2017). Sem esta devida formação, o profissional pode vir a oferecer orientações inadequadas ou tratar da temática apenas de uma perspectiva biológica e patológica (Rodrigues & Wechsler *et al.*, 2014; Sehnem *et al.*, 2013).

Outra pesquisa realizada com 151 estudantes de Enfermagem de uma instituição pública concluiu que a incorporação do tema no contexto acadêmico é necessária para um cuidado integral e uma assistência adequada no serviço de saúde (Nogueira *et al.*, 2017).

Em uma tese de doutorado realizada na mesma instituição deste estudo intitulada "Formação do enfermeiro para educação em saúde em um currículo integrado: interfaces com o pensamento complexo" que também avaliou a unidade curricular abordada no presente estudo, concluiu que o uso de uma das estratégias pedagógicas como a oficina de sexualidade constituiu-se como uma experiência significativa de aprendizado ao estudante de enfermagem visto ser um espaço que permitiu discussão teórica e, após, aplicação na prática que proporcionou significado e sentido ao objeto estudado tornando o aprendizado mais significativo para o futuro profissional de saúde (Gastaldi, 2017).

2.5.1 Metodologias ativas para o processo de ensino-aprendizagem sobre sexualidade e educação sexual no ensino superior

O aprendizado ativo com relação aos métodos tradicionais possibilita que o aluno compreenda com maior facilidade conceitos difíceis de serem entendidos (Gusc; Van Veen-Dirks, 2017). Esse tipo de aprendizado oferta uma educação de qualidade, que envolve o aluno no seu processo de aprendizado, demonstrando que a educação não é mais uma prática simples (Misseyyanni *et al.*, 2018).

O uso de metodologias ativas para formação faz com que o aluno desenvolva competências éticas, políticas e técnicas, além de melhorar o aprendizado (*Forni et al.*, 2017; Vales *et al.*, 2018).

Estudo realizado em 2021 buscou identificar quais metodologias ativas estão sendo utilizadas nas instituições de ensino atuais. Por meio de uma revisão sistemática, observou-se a ausência do uso de oficinas como método de ensino-aprendizado. Nos últimos seis anos, as metodologias ativas mais utilizadas foram: aprendizagem baseada em casos, aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem baseada em problema, jogos educativos e aula interativa de laboratório (Marques *et al.*, 2021).

As metodologias ativas possibilitam a troca de saberes entre discentes e docentes, substituindo a memorização de informações e transmissão vertical do conhecimento (Sousa, 2018).

Esses métodos contribuem para maiores aproximações da teoria com a prática profissional nos serviços de saúde, gerando maior motivação durante o ensino entre docentes e alunos (Vannuchi *et al.*, 2007).

O uso de oficinas como método de ensino-aprendizagem possibilita maior interação e uma participação mais efetiva do discente, construindo um processo de ensino-aprendizagem mais crítico e reflexivo (Lima *et al.*, 2012).

As oficinas pedagógicas no processo de ensino oferecem desenvolvimento social, troca de experiências, aumento da capacidade sociocognitiva e liberdade de aprendizagem (França-Carvalho, 2013). Visa superar as dificuldades dos alunos de forma descontraída, aumentando a participação, interesse, autonomia e criatividade (Antunes, 2011).

O uso das oficinas é encontrado na literatura apenas como método de ensino para adolescentes em escolas em projetos de ensino, pesquisa e extensão em universidades ou como método de ensino para formação de docentes, como encontrado nos seguintes artigos: "Oficinas de educação sexual e reprodutiva para adolescentes", realizado na cidade de Ribeirão Preto, por meio de um projeto de pesquisa pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (Barbosa, 2022); "Relato de experiência de uma oficina sobre sexualidade com jovens de uma escola pública de Uberlândia" (Paranaíba *et al.*, 2020); "O impacto de oficinas sobre sexualidade: um relato de experiência com estudantes" realizada por estudantes vinculadas ao Programa de Educação Tutorial do curso de Psicologia e ao Projeto de Extensão Polo de Prevenção de IST/Aids (Magrin *et al.*, 2022); "Formação docente em metodologias de aprendizagem ativa" uso de metodologias ativas na formação de docentes e não para graduandos (Medeiros *et al.*, 2022). Em nenhum momento foi encontrado nas pesquisas o uso de oficinas como método de ensino para aprofundamento de conteúdo para os cursos de nível superior.

A Universidade Estadual de Londrina (UEL), possui a unidade "Práticas do Cuidar", com carga horária de 368 horas que engloba as unidades I e II, sendo a II intitulada "Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva" e aborda os seguintes temas: Saúde sexual; Saúde reprodutiva; Identidade de gênero e Violência; Direitos reprodutivos; Métodos contraceptivos; Planejamento reprodutivo; IST/Aids; Anorexia; Bulimia; Depressão e suicídio na adolescência; Processo do adolescer (Lopes *et al.*, 2023).

Os conteúdos são distribuídos da seguinte forma: Anatomia e histologia do sistema reprodutor masculino e feminino; Mudanças anatômicas e fisiológicas da adolescência; Ciclo ovariano e espermatogênese; Fisiologia hormonal e reprodução; Farmacologia: hormônios sintéticos (estrógenos e progestágenos); Sexualidade humana e construção social das relações de gênero; Conceitos de saúde sexual e reprodutiva e de direitos sexuais e reprodutivos; Contracepção: tipos de métodos, indicações e contraindicações, vantagens e desvantagens, custo, acesso e critérios de elegibilidade da OMS; IST/Aids: epidemiologia, tipos, quadro clínico, detecção precoce, tratamento e ações de prevenção; Desenvolvimento da sexualidade na infância e adolescência; Formação de identidade e imagem corporal na adolescência; Vulnerabilidade individual, social e programática na adolescência; Direitos

constitucionais, instituições de acolhimento e políticas públicas de atenção ao adolescente; Estratégias e metodologias ativas de abordagem do adolescente na prevenção e promoção da saúde sexual; Atividades práticas nas escolas com adolescentes para que os estudantes repliquem as oficinas de prevenção (Lopes *et al.*, 2023).

Na unidade II, os graduandos aprendem por meio de diferentes metodologias ativas, desde o ano de 1996. De 1996 a 1999 era ministrado dentro da disciplina de “Enfermagem Pediátrica (Assistência à saúde da criança I)” com 20 horas e, a partir de 2000, com a implantação do Currículo Integrado foi incorporada na unidade de Práticas do Cuidar do 2º ano do curso, abordando com exclusividade a temática sexualidade, com carga horária de 90 horas, sendo 30 horas práticas (Alves *et al.*, 2018). Ressalta-se que o curso tem duração de 4 anos.

Para os conteúdos teóricos utiliza-se seminários interativos, aula dialogada e a pasta temática, abordando os seguintes temas: Saúde sexual; Saúde reprodutiva; Identidade de gênero e Violência; Direitos reprodutivos; Métodos contraceptivos; Planejamento reprodutivo; IST; Anorexia; Bulimia; Depressão e suicídio na adolescência; Processo de adolecer (Alves, 2018, cap.7, pag. 108).

Para os conteúdos práticos as oficinas de prevenção direcionadas por 14 dinâmicas aplicados aos estudantes de Enfermagem pelos docentes e, posteriormente, os estudantes aplicam para os adolescentes nas escolas com supervisão direta dos docentes, visto a avaliação de competências, desempenhos e habilidades da unidade curricular. Após o momento de aprendizado por meio das oficinas, os graduandos realizam a prática, aplicando-as para os adolescentes nas escolas, para atingir todas as competências, desempenhos e habilidades propostas pela unidade.

As oficinas de prevenção são divididas da seguinte maneira (Quadro 1):

Quadro 1. Temáticas aplicadas durante as oficinas de prevenção na unidade II subsídios sobre sexualidade humana. Londrina, Paraná, 2024

OFICINAS 1	Tem como objetivo	OFICINAS 2	Tem como objetivo discutir os
Dinâmica 1 – Apresentação.	oportunizar que o jovem reflita sobre seu próprio corpo. Solicita-se que o jovem fale qual parte do corpo ele tem preferência enquanto um facilitador desenha a mesma em um quadro/papel. Ao final, destaca-se que em geral as pessoas falam apenas partes expostas e “convencionais”, dificilmente mencionam órgãos reprodutores, mamas, etc.	Dinâmica 8 – Mitos sobre métodos contraceptivos e meios de contágio de IST.	principais mitos e tabus criados pela sociedade referente à sexualidade.
Dinâmica 2 – Construção do corpo masculino e feminino.	Tem como objetivo identificar o conhecimento do jovem sobre diferenças de gênero. Divide-se a sala ao meio e cada grupo fica responsável por desenhar um corpo desnudo, sendo um masculino e outro feminino. Após realização do desenho, completa-se com as partes não desenhadas e abordam sobre mudanças do corpo na adolescência e fisiologia.	Dinâmica 9 – Semáforo: riscos de adquirir IST.	Tem como objetivo discutir os riscos de exposição e formas de prevenção. Utiliza-se 3 círculos (vermelho, amarelo e verde) e tarjas com frases. As frases em que o ato não possibilita contaminação deve ser colocada no círculo verde; quando a frase possibilita contaminação, deve ser colocada no vermelho; a cor amarela significa atenção, pois a frase apresenta questões que podem possibilitar ou não uma contaminação.
Dinâmica 3 – Questão de identidade de gênero: vantagens e desvantagens de ser homem e mulher.	Tem com objetivo oportunizar que o jovem expresse seu conhecimento sobre vantagens e desvantagens do gênero. Propõe nesse momento uma discussão de cunho social.	Dinâmica 10 – Cartão: transmissão de HIV.	Tem como objetivo discutir os meios de transmissão de HIV. Distribui cartões em branco para todos os participantes, um deles apresenta um “X” indicando que a pessoa está contaminada com o vírus do HIV e o outro um “O” indicando que o indivíduo fez uso de preservativo.

Dinâmica 4 – Métodos contraceptivos: o que conhecem?	Tem como objetivo verificar quais métodos contraceptivos os graduandos já conhecem.	Dinâmica 11 – Confete: uso de drogas ilícitas e lícitas.	Tem como objetivo discutir o uso de drogas e seus efeitos.
Dinâmica 5 - Métodos contraceptivos: utilização, dinâmica e contraindicação.	Tem como objetivo explicar sobre diversos tipos de contraceptivos e como utilizá- los.	Dinâmica 12 – Violência contra o adolescente: tipos e condutas de prevenção.	Tem como objetivo discutir os principais tipos de violência contra adolescentes através de cartilhas com histórias.
Dinâmica 6 – Gincana do preservativo masculino.	Tem como objetivo orientar a técnica correta de utilização do preservativo masculino.	Dinâmica 13 – Direitos e Instituições de apoio ao adolescente.	Tem como objetivo orientar quais meios de apoio para os adolescentes em caso de riscos.
Dinâmica 7 – IST: o que conhecem e as formas de transmissão e prevenção.	Tem como objetivo possibilitar o conhecimento sobre o conceito, meios de transmissão, sinais e sintomas, tratamento e prevenção. Utiliza-se imagens de IST neste momento.	Dinâmica 14 – Urna secreta: dúvidas e sugestões de temas.	Forma anônima de sanar dúvidas.

No encerramento, os graduandos devem preencher uma ficha de avaliação, com sua autoavaliação sobre a unidade (que bom, que pena e que tal), no intuito de averiguar se as atividades favoreceram ou não o processo de ensino e aprendizagem.

Além destas atividades, os graduandos produzem um relatório científico, um dos temas transversais do currículo integrado, intitulado como seivas curriculares, que tem como objetivo desenvolver a capacidade acadêmica de produzir e articular a escrita científica. Os temas transversais, ou seivas, significam “aquilo que transpassa as disciplinas curriculares” e foram estruturados através do projeto pedagógico do currículo integrado com o propósito “formar enfermeiros cidadãos, conscientes da realidade brasileira e capazes de conviver em um mundo globalizado” (Dellaroza; Vannuchi, 2005). Este relatório é constituído de introdução, objetivo, desenvolvimento,

resultados, conclusão e referências (Alves; Dessunti, 2018). Esta é outra forma de proporcionar vivência da temática de forma sistemática, bem como subsidiar a avaliação do processo de ensino-aprendizagem na unidade.

Mediante o exposto e a necessidade da formação de futuros enfermeiros para lidarem com a temática sexualidade humana, promoção e prevenção da saúde sexual de adolescentes e jovens, este estudo se justifica buscando analisar a aprendizagem após a participação na unidade curricular "Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva" e apreender a vivência teórico-prática dos estudantes com os adolescentes nas escolas.

Para tanto, as hipóteses do presente estudo são:

h0: Não haverá conhecimento dos graduandos após a participação na unidade curricular "Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva".

h1: Haverá conhecimento dos graduandos após a participação na unidade curricular "Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva".

Assim sendo a pergunta de pesquisa é: As estratégias de ensino-aprendizagem da unidade curricular "Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva" favorece o conhecimento de graduandos de enfermagem de uma universidade pública estadual?

Para tanto, os objetivos são:

- Analisar o conhecimento de graduandos de enfermagem antes e após a participação na unidade curricular "Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva".

- Compreender a vivência de graduandos de enfermagem quanto ao processo de ensino-aprendizagem sobre sexualidade e adolescência na unidade curricular Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva.

REFERÊNCIAS

- ABRASCO. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Alexandre Grangeiro: “Temos criado gerações incapazes de lidar com o HIV”, 2018. Disponível em: abrasco.org.br.
- ARRUDA, F. D. S. *et al.* Conhecimento e prática na realização do exame de Papanicolau e infecção por HPV em adolescentes de escola pública. **Revista Paraense Medicina**, Belém, v. 27, n. 4. p. 59-66, 2013.
- ASSIS, T. S. C. *et al.* Pregnancy in adolescence in Brazil: associated factors with maternal age. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 21, n. 4, p. 1055-1064, 2021.
- ANTUNES, H. S. Ser aluna, ser professora: um olhar sobre os ciclos de vida pessoal e profissional. **Editora UFSM**, Santa Maria, 2011.
- ASSIS, T.S.C. *et al.* Reincidência de gravidez na adolescência: fatores associados e desfechos maternos e neonatais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n.8, 3261-3271, 2022.
- AYRES, J. R. C. M. *et al.* Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: CAMPOS, G. W. S. *et al.* (Orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**, p.375-417, São Paulo, 2006.
- AYRES, J.R.C.M. *et al.* Entrevista com José Ricardo Ayres. **Saúde Soc**, v.27, n.1, p.51-60, São Paulo, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018000002>
- BARBOSA, N.G *et al.* Oficinas de educação sexual e reprodutiva para adolescentes. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 13, n. 2, p. 187-199, 5 ago. 2022.
- BEZERRA, M.M. *et al.* Geração Z: Relações de uma geração hipertecnológica o mundo do trabalho. **R. Gest. Anál.**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 136-149, jan./abr, 2019. doi:10.12662/2359-618xregea.v8i1.p136-149.2019.
- BEAVOUIR, S. O segundo sexo. **Editora Nova Fronteira**. Rio de Janeiro, 2009.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 11 mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001**. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. Brasília: Ministério da Educação, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- BRASIL. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências, Brasília, 2007. Disponível em: planalto.gov.br

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, B. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Casos de gravidez na adolescência diminuíram, em média, 18% desde 2019, Brasília, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), Brasília, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico - Sífilis 2020**. Ministério da Saúde: Brasília, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2020/sifilis/boletim_sifilis_2020.pdf/view. Acesso em: 11 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de procedimentos do sistema de informações sobre nascidos vivos. Brasília, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigilância do HIV no Brasil: Novas Diretrizes, Brasília: 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS). **Queda da cobertura vacinal contra o HPV representa risco de aumento de casos de cânceres evitáveis no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/vacinacao-e-a-medida-mais-eficaz-para-prevenir-a-infeccao-em-criancas-adolescentes-e-pessoas-com-baixa-imunidade>. Acesso em: 11 mar. 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Painel de dados da ouvidoria nacional de direitos humanos, Brasília, 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Federal n 8.069/90**. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 25 Mar. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

BUTMANN, N., NIELSEN, A., MUNK, C., FREDERIKSEN, K., LIAW, K., & KJAER, S. Young age at first intercourse and subsequent risk-taking behaviour: An epidemiological study of more than 20,000 Danish men from the general population.

Scandinavian Journal of Public Health, v. 42, n.6, pg. 511-517., 2014.
<https://doi.org/10.1177/1403494814538123>

CARMO, M.E; GUIZARDI, F.L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, Brasília, v. 34, n. 3, 2018. doi: 10.1590/0102-311X00101417

CARNEIRO, L. A; PORTO, C. C. Saúde mental nos cursos de graduação: interfaces com as diretrizes curriculares nacionais e com a reforma psiquiátrica. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 6, n. 14, p. 150-167, 2014.

CASTRO, M. S.; SILVÉRIO, L. E. R. Conhecimento e prevenção na luta contra o câncer de colo uterino: todos contra o vírus HPV! **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 97-114, 2018.

CAVALCANTE, L. F. M. *et al.* Atividades de extensão universitária: um olhar para a promoção da saúde do adolescente. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 305–315, 2019.

COSTA, C.C. *et al.* Perfil biopsicossocial de crianças e adolescentes institucionalizados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Minas gerais, v. 11, n. 17, 2019. DOI: DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e1671.2019>.

CUSTÓDIO, A.V; CABRAL, J. O impacto das medidas de isolamento social em tempos de pandemias: uma análise dos indicadores de abuso sexual contra crianças e adolescentes. **Revista Jurídica (FURB)**,v. 25, n. 57, 2021.

DELLAROSA, M.S.G; VANNUCHI, M.T.O. O currículo integrado do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina [livro eletrônico] : do sonho à realidade, São Paulo : Hucitec, 2005.

FRANCO, M.S. *et al.* Educação em saúde sexual e reprodutiva do adolescente escolar. **Revista de enfermagem UFPE online**, v.14, 2020. DOI:10.5205/1981-8963.2020.244493

FERNANDES, A. V. M. *et al.* Educação e direitos humanos: desafios para a escola contemporânea. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 30, n. 81, p. 233-249, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

FONSECA, F.F. *et al.* As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista paulista de Pediatria**, v. 31, n. 2. Junho, 2013. DOI:<https://doi.org/10.1590/S0103-05822013000200019>

FIGUEIROA, M.N. *et al.* A formação relacionada com a sexualidade humana na percepção de estudantes de enfermagem. **Revista de Enfermagem Referência**, vol. IV, núm. 15, pg. 21-30, 2017.

FORNI, M. F. *et al* An active-learning methodology for teaching oxidative phosphorylation. **Medical education, Oxford**, v. 51, n. 11, p. 1169-1170, 2017.

FRANÇA-CARVALHO, A. D.; MARTINS, C. H. R.; CONDE, E. P.; MONTEIRO, H. R. de S. (org.) Estratégias de ensino: propostas multidisciplinares de aprendizagens significativas. **EDUFPI**, Teresina, 2013.

GASTALDI, A. B. **Formação do enfermeiro para educação em saúde em um currículo integrado**: interfaces com o pensamento complexo. 2017. 235 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

GOMES LABEGALINI, C. M. *et al*. Oficina de metodologias ativas: repensando o ensino de enfermagem. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 13, n. 86, p. 12663-12680, 2023.

GUSC, J.; VAN VEEN-DIRKS, P. Accounting for sustainability: an active learning assignment. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 18, n. 3, p. 329-340, 2017.

HAIDT, J. A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. Editora Schwarcz S.A, 1ºed. São Paulo, Companhia das letras, 2024.

HEDLER, A. P. Teste rápido para Infecções sexualmente transmissíveis tem recorde de participação. *In: Prefeitura Municipal*. Londrina, 13 agosto 2021. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=105742>. Acesso em: 28 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

Lewis, F., Newman, D., Anschuetz, G., Mettey, A., Asbel, L., & Salmon, M. Partner meeting place is significantly associated with gonorrhea and chlamydia in adolescents participating in a large high school sexually transmitted disease screening program. **Sexually Transmitted Diseases**, v. 41, n.10, pg. 605-610, 2014. <https://doi.org/10.1097/OLQ.000000000000189>

LIMA, L. F. HPV no colo do útero em adolescentes sexualmente ativas e as possibilidades de prevenção e tratamento: uma revisão da literatura. **Revistaft**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 132, 2024.

MABA, P. R. *et al.* Métodos de ensino em Fisiologia aplicados à geração Z: uma experiência voltada para os estudantes do primeiro ano de Medicina/ Teaching methods in Physiology applied to Generation Z: an experience aimed at first year medical students. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 6062–6077, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n2-163. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/26721>.

MAGNETY, J. A plea for sex education in nursing curriculauns. **American Journal of Nursing**, New York, v. 7, n. 1, p. 197-204, 1975.

MAGRIN N.P; MORAES A.S; PANIAGO, C de M; SANTOS, I.F; LACERDA, R.M; CUNHA, R.N. O impacto de oficinas sobre sexualidade: um relato de experiência com estudantes. **Psicol Esc Educ [Internet]**, v. 26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-35392022230929>

MATIAS, E. O. *et al.* Estratégia educativa como tecnologia facilitadora para promoção da saúde do adolescente no âmbito escolar. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 7-14, 2013.

MARQUES, H. R; CAMPOS, A. C; ANDRADE, D. M., & ZAMBALDE, A. L. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Avaliação: **Revista Da Avaliação Da Educação Superior (campinas)**, v.26, n. 3, pg. 718–741, 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000300005>

MEDEIROS, R. de O; MARIN, M. J. S, LAZARINI, C. A, CASTRO, R. M. & HIGA, E. F. R. Formação docente em metodologias de aprendizagem ativa. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.26, 2022. <https://doi.org/10.1590/interface.210577>

MIMS, F. Sexual health education and counseling. **Nursing Clinics of North America**, Philadelphia, v. 10, n. 3, p. 519-528, 1975.

MISSEYANNI, A. *et al* Active learning stories in higher education: lessons learned and good practices in STEM Education. *In*: MISSEYANNI, A. (ed.). Active learning strategies in higher education: teaching for leadership, innovation, and creativity. **Bingley: Emerald Publishing**, p. 75-105, 2018.

MONTEIRO, C. J.; JESUS, T. B. **Avaliação do nível de conhecimento dos jovens a respeito das manifestações orais de infecções sexualmente transmissíveis**. 2019. TCC (Graduação em Odontologia) - Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, 2019.

NOGUEIRA, I. S., RODRIGS, D. M., LABEGALINI, C. M., LOPES, M. C., & BALDISSERA, V. D. A percepção e formação dos acadêmicos de enfermagem acerca da sexualidade humana. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 9, n. 3, pg. 614-61, 2017. doi: 10.9789/2175-5361.2017.v9i3.614-619

OLIVEIRA, T. C.; CARVALHO L. P.; SILVA, M. A. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 3, p. 306-311, 2008.

Organização Mundial de Saúde. Child and adolescent health and development. Genebra: OMS, 2009. Disponível em: <http://www.who.int/child-adolescent-health/>

Organização das Nações Unidas (ONU). Adolescência, juventude e redução da maioridade penal. Brasília, junho 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-07/Position-paper-Maioridade-penal-1.pdf>

PARANAIBA, M.V. *et al.* Relato de experiência de uma oficina sobre sexualidade com jovens de uma escola pública de Uberlândia, Minas Gerais. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 18, n. 2, p. 142–154, 2020. DOI: 10.14393/REE-v18n22019-50105. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/50105>.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. Saúde promove ações em todo o Paraná de prevenção a infecções sexualmente transmissíveis, 2023.

Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids. Estatísticas globais sobre HIV 2021. UNAIDS Brasil. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/>

Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids. O caminho que põe fim à AIDS: Relatório Global do UNAIDS 2023. Genebra: Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS; 2023.

PEREIRA, G. F. M. *et al.* HIV/AIDS, STIs and viral hepatitis in Brazil: epidemiological trends. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 255-276, 2019. Suplemento 1.

REZENDE, A. V., & SOBRAL, O. J. As temáticas relativas à sexualidade humana na formação superior do profissional de enfermagem. **Revista Científica FacMais**, v.5, n. 1, pg 25-39, 2016.

RODRIGUES, C. P., & WECHSLER, A. M. A sexualidade no ambiente escolar: A visão dos professores de educação infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v. 1, v.1, pg. 89-104, 2014.

SÁ, D. R. *et al.* Incidência de gravidez na adolescência no período pandêmico nas Unidades Básicas de Saúde em um município da região sul do Estado do Tocantins. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. e9351, 2022.

SANTOS, L. V.; RIBEIRO, A. O.; CAMPOS, M. P. A. Habilidade do acadêmico de enfermagem para lidar com a sexualidade do cliente. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 32-35, 2007.

SANTOS, R.L. *et al.* Utilização de metodologias ativas para a promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p.01-591 jan./jun. 2019.

SEHNEM, G. D., RESSEL, L. B., JUNGES, C. F., SILVA, F. M., & BARRETO, C. N. Sexualidade na formação acadêmica do enfermeiro. **Escola Anna Nery**, v.17, n.1, pg. 90–96, 2013. doi: 10.1590/S1414-81452013000100013

SEHNEM, G.D. *et al.* Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. **Av Enferm**, v. 37, n. 3, pg. 343-352, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v37n3.78933>

SILVEIRA, S.A.D. *et al.* Adolescência & as novas tecnologias de informação e comunicação do século XXI: desenvolvimento do interesse cognitivo. **UERR Edições**, 2020. DOI: 10.24979/uerr.edicoes.17. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/17>.

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Puberdade Precoce. Março, 2023. Disponível em: [Puberdade precoce - SBP](#)

SOUSA, M. N. C. *et al.* Conhecimento de discentes sobre metodologia ativa na construção do processo de ensino aprendizagem inovador. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências**, Icó-Ceará, 1, n. 1, p. 61-74, 2018.

SEFFNER, F. Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade. **Revista Retratos da Escola**, v. 14, n. 28, p. 75-90, Brasília, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.22420/rde.v14i28.1095>.

SILVA, S.M.D.T *et al.* Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. **Acta paul enferm [Internet]**, n.33, 2020. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0210>

THITASAN,A; AYTAR, O; ANNERBACK, E. & VELANDIA, M. Young people's health and risk behaviours in relation to their sexual orientation: a cross-sectional study of Thailand and Sweden. **Sexual and Reproductive**, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.srhc.2019.05.004>

UNITED NATIONS EDUCATION, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Evaluation of sexuality education**: goal of sexuality education. Berlin: UNESCO, 2017. Disponível em: https://iite.unesco.org/files/news/639330/Joanna_Herat_Sexuality_Education_evaluation.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.

VALES, J. F.; SANTOS, N. V. Metodologia ativa como ferramenta de ensino e aprendizagem no curso técnico de logística. **South American Development Society Journal**, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 146-155, 2018.

VANNUCHI, M.T.O; CAMPOS, J.J.B.A. Metodologia ativa na residência em gerência do curso de enfermagem da UEL. **Cogitare Enferm.**, v.12, n.3, p.358-64, 2007.

WHIPPLE, B.; GICK, R. A holistic view of sexuality education for the health professional. **Clinic Nurse**, v. 1, n. 4, 90-91, 1980.

WHITE H.J; BIELLO, K., REISNER, S; PEREZ-BRUMER, A; HEFLIN, K., & MIMIAGA, M. Health risk behaviors in a representative sample of bisexual and heterosexual female high school students in massachusetts, **Journal of School Health**, v. 86, n.1, pg. 61-71, 2016.DOI: <https://doi.org/10.1111/josh.12353>.

WILSON, H.; MACANDREW, S. **Sexual health**: foundations for practice. Edinburgh: New York (US): Baillière Tindall, 2000.

WINTERS, J. R. F.; PRADO, M. L.; HEIDEMANN, I. T. S. B. A formação em enfermagem orientada aos princípios do Sistema Único de Saúde: percepção dos formandos. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 248- 253, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Young people's health: a challenge for society: report of a WHO Study Group on Young People and "Health for All by the Year 2000". **World Health Organization Technical Report Series**, n. 731, p. 1-117. Geneva: WHO, 1986. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/41720>. Acesso em: 28 mar. 2024.

3 RESULTADOS

Os resultados da presente dissertação serão apresentados em dois estudos, conforme o regimento do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, sendo:

ESTUDO 1 – Ensino curricular sobre sexualidade e adolescência para estudantes de enfermagem: estudo quase experimental.

Com o seguinte objetivo:

- Analisar o conhecimento de graduandos de enfermagem antes e após a participação na unidade curricular “Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva”.

ESTUDO 2 – Sexualidade e adolescência para estudantes de enfermagem: análise a luz da complexidade de Morin.

Com o seguinte objetivo:

- Compreender a vivência de graduandos de enfermagem quanto ao processo de ensino-aprendizagem sobre sexualidade e adolescência unidade curricular “Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva”.

3.1 ESTUDO 1

ENSINO CURRICULAR SOBRE SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA PARA ESTUDANTES DE ENFERMAGEM: ESTUDO QUASE EXPERIMENTAL

3.1.1 RESUMO

Objetivo: analisar o conhecimento de graduandos de Enfermagem a partir da participação na unidade curricular Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva. **Método:** Estudo quase experimental do tipo antes e depois realizado com estudantes do 2º ano do curso de Enfermagem de uma universidade pública estadual, localizada no norte do Paraná, durante os meses de outubro a dezembro de 2023. Todos preencheram instrumento constituído por questões objetivas em cinco dimensões (construção do corpo humano, gênero, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e violência), previamente o desenvolvimento da unidade curricular. Em seguida, participaram das atividades teórico-práticas e, ao término, responderam o mesmo instrumento. Para a análise utilizou-se o software R Core Team®, versão 2020, aplicou-se o teste t-Student pareado, considerou-se nível de significância de 95%. **Resultados:** Dos 46 estudantes, 41 participaram do momento pré e pós-teste, sendo 85% do sexo feminino, média de 21 anos, 56% com renda de até um salário mínimo, 63% brancos, 63% sem parceiros e 68% cristãos. A proporção de acertos gerais no pré e pós-teste revelou que houve aumento significativo ($p=1.77e-12$) na média de acertos. As questões que apresentaram maior aumento no número de acertos foram relacionadas à dimensão construção do corpo humano de 8,4 ($\pm 1,37$) para 10,6 ($\pm 0,48$) $p=5,66 \times 10^{-12}$, e IST de 7,3 ($\pm 1,33$) para 8,6 ($\pm 1,02$) $p=3,37 \times 10^{-7}$. Por outro lado, questões sobre gênero de 2,6 ($\pm 0,73$) para 3,1 ($\pm 0,30$) $p=2,04 \times 10^{-4}$ e violência de 2,6 ($\pm 0,69$) para 3,5 ($\pm 0,64$) $p=1,06 \times 10^{-6}$, apesar de também apresentarem resultados significativos, tiveram quantidade de acertos semelhantes no pré e pós-teste. **Conclusão:** houve aprendizagem sobre sexualidade e adolescência após a participação na unidade curricular, uma vez que a média de acertos antes e após a realização da unidade foi maior entre os graduandos.

Descritores: Estudantes de enfermagem; Universidades; Sexualidade; Adolescente; Educação sexual; Enfermagem pediátrica.

ABSTRACT

Objective: analyze the knowledge of nursing students based on participation in the curricular unit Sexuality: building support for comprehensive care for sexual and reproductive health. **Method:** Quasi-experimental before-and-after study carried out with second-year nursing students at a public state university, located in the north of Paraná, during the months of October to December 2023. Everyone filled out an instrument consisting of objective questions in five dimensions (construction of the human body, gender, contraceptive methods, sexually transmitted infections and violence), prior to the development of the curricular unit. They then participated in theoretical-practical activities and, at the end, answered the same instrument. For the

analysis, the R Core Team® software, version 2020, was used, the paired t-Student test was applied, significance level of 95% was considered. **Results:** Of the 46 students, 41 participated in the pre- and post-test, 85% of whom were female, on average 21 years old, 56% with an income of up to minimum wage, 63% white, 63% without partners and 68% Christian. The proportion of general correct answers in the pre- and post-test revealed that there was a significant increase ($p=1.77e-12$) in the average number of correct answers. The questions that showed the greatest increase in the number of correct answers were related to the construction dimension of the human body from 8.4 (± 1.37) to 10.6 (± 0.48) $p=5.66 \times 10^{-12}$, and IST of 7.3 (± 1.33) to 8.6 (± 1.02) $p=3.37 \times 10^{-7}$. On the other hand, questions about gender from 2.6 (± 0.73) to 3.1 (± 0.30) $p=2.04 \times 10^{-4}$ and violence from 2.6 (± 0.69) to 3.5 (± 0.64) $p=1.06 \times 10^{-6}$, despite also presenting significant results, they had a similar number of correct answers in the pre- and post-test. **Conclusion:** there was learning about sexuality and adolescence after participating in the curricular unit, since the average number of correct answers before and after completing the unit was higher among undergraduates.

Keywords: Nursing students; Universities; Sexuality; Adolescent; Sex Education; Pediatric nursing;

3.1.2 INTRODUÇÃO

A temática sexualidade, apesar de ser parte da natureza humana suas relações, nos dias atuais é cercada de grande tabu, imposto socialmente desde a época da Era Vitoriana, burguesa e recatada (Foucault, 1999). No Brasil, permanece a exclusão sistemática desse assunto nas escolas, mesmo com a ampla discussão para aprovação do Plano Nacional de Educação, que visa incluir temas como gênero e orientação sexual como parte de propostas epistêmico-políticas de inclusão social (Dal'igna *et al.*, 2019).

Trata-se de um assunto complexo, de difícil abordagem aos adolescentes, e pouco explorado nos ambientes familiares e escolares. Dessa forma, é necessário que profissionais da educação e saúde estejam preparados para abordagem assertiva, rompendo esses tabus e diminuindo preconceitos (Matos *et al.*, 2016).

A educação em saúde é uma realidade incontestável para enfermeiros. Adolescentes desenvolvem a prática do autocuidado através do ensino por esses profissionais (Sehnem *et al.*, 2019).

O enfermeiro educador tem um papel muito além de ensinar adolescentes, desenvolvendo estratégias para promoção de saúde sexual de qualidade, além da criação de uma relação de confiança para que os jovens possam retirar todas suas dúvidas sem medo de julgamento (Silva *et al.*, 2023).

Preparar o futuro enfermeiro aos desafios profissionais demanda investimento da instituição de ensino superior, por meio de produção contínua e maciça de conhecimentos e tecnologias para capacitação e formação de agentes multifuncionais (Silva et al., 2019; Püschel *et al.*, 2017).

No Brasil, a educação do enfermeiro alinha-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que modelam as matrizes curriculares dos cursos da saúde, buscando assegurar uma formação básica sólida, com capacidade de preparar o futuro profissional para diferentes desafios e transformações globais (Brasil, 2018). Desde sua última edição, em 2021, as DCN em enfermagem valorizam os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), além de estimular à autonomia do estudante como parte essencial do processo de ensinar e aprender (Ximenes, 2020; Brasil, 2018; Vieira, 2016).

Em um estudo realizado no ano de 2017, através da realização de grupos focais com estudantes do curso de enfermagem, os graduandos relataram dificuldade em questionar seus pacientes a respeito da temática sexualidade, devido à religião, idade do paciente e tabu acerca do tema (Silva *et al.*, 2019).

Considerando a importância da formação desses futuros profissionais durante a graduação sobre os temas sexualidade e educação sexual para adequada abordagem de adolescentes, este estudo tem como objetivo analisar o conhecimento de graduandos de enfermagem a partir da participação na unidade curricular Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva.

3.1.3 MATERIAL E MÉTODO

Estudo de intervenção quantitativo executado em duas fases. Foi utilizado o delineamento quase experimental do tipo pré-teste e pós-teste. Este estudo é um recorte do projeto intitulado “Adolescência e juventude & exposição ao HIV em estados brasileiros: análise epidemiológica, geoespacial e desenvolvimento de ações preventivas multiplicadoras”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que aconteceu simultaneamente em cinco estados brasileiros: Ceará, Goiás, Pará, Paraná e Rio Grande do Norte. A presente pesquisa ocorreu em uma universidade pública estadual localizada no norte do Paraná, Brasil.

A coleta dos dados ocorreu nos meses de outubro a dezembro de 2023, em dois momentos (antes e após) a realização da unidade curricular intitulada Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva, que tem como competências: adquirir conhecimentos sobre saúde sexual e reprodutiva; compreender as relações entre gênero e processo saúde e doença; propor ações de promoção em saúde sexual e reprodutiva; adquirir conhecimentos sobre o processo de adolecer.

Os critérios de inclusão foram: estar matriculado no curso de enfermagem e cursando a unidade em questão; idade maior ou igual a 18 anos. Os critérios de exclusão foram: participação direta na produção da pesquisa, não participação da realização das oficinas e/ou baixa frequência nas aulas da unidade. Apenas uma aluna foi excluída pois a mesma estava auxiliando na pesquisa.

Essa unidade, ministrada desde o ano 2000, é desenvolvida no 1º semestre do 2º ano do curso de graduação em enfermagem, com carga horária de 90 horas teórico práticas, e participação de docentes das áreas da saúde da mulher e da saúde da criança e do adolescente. O curso possui 60 vagas anuais e, em 2023, contava com 46 matriculados.

Os conteúdos teóricos abordados foram: Saúde sexual; Saúde reprodutiva; Anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino; Construção social dos gêneros feminino e masculino; Violência contra a mulher; Direitos reprodutivos; Métodos contraceptivos; Planejamento reprodutivo; IST/Aids; Processo de adolecer (Alterações fisiológicas na adolescência; Hábitos alimentares, necessidades nutricionais e disfunções alimentares; Vulnerabilidade na adolescência quanto à gravidez, aborto, IST/Aids; Vulnerabilidade na adolescência quanto às drogas lícitas e ilícitas e violência, e Políticas públicas e direitos do adolescente: Estatuto da Criança e do Adolescente). Foram aplicadas 14 dinâmicas, sendo:

- Dinâmica 1 - Apresentação: a parte do corpo que mais gosta
- Dinâmica 2 - Construção do corpo humano feminino e masculino
- Dinâmica 3 - Questão de gênero: vantagens e desvantagens de ser homem e mulher.
- Dinâmica 4 - Métodos contraceptivos: o que conhecem?
- Dinâmica 5 - Métodos contraceptivos: utilização, dinâmica e contraindicação.
- Dinâmica 6 - Gincana do preservativo masculino.

- Dinâmica 7 - IST: o que conhecem e as formas de transmissão e prevenção.
- Dinâmica 8 - Mitos sobre métodos contraceptivos e meios de contágio de IST.
- Dinâmica 9 - Semáforo: riscos de adquirir IST.
- Dinâmica 10 - Cartão: transmissão de HIV.
- Dinâmica 11 - Confete: uso de drogas ilícitas e lícitas.
- Dinâmica 12 - Violência contra o adolescente: tipos e condutas de prevenção.
- Dinâmica 13 - Direitos e instituições de apoio ao adolescente.
- Dinâmica 14 - Urna secreta: dúvidas e sugestões de temas.

A abordagem dos graduandos para realização do pré-teste (via plataforma *Google Forms*) ocorreu em dia de atividades avaliativas, antes do início da unidade curricular, em que toda a turma se encontrava reunida, em sala de aula, com seus aparelhos móveis conectados à rede de wi-fi disponibilizada pela instituição. O grupo foi abordado pelo pesquisador que solicitou a participação voluntária dos mesmos por meio do preenchimento do termo de consentimento e questionário via *QR CODE*, o que facilitou a participação do maior número de graduandos.

Após a realização do pré-teste, os graduandos iniciaram o ensino regular com conteúdo teóricos relacionados à saúde da mulher, onde se discutem anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino; determinantes biológicos e de construção social de gênero que envolvem a sexualidade humana em diferentes fases; métodos contraceptivos preconizados pelo Ministério da Saúde, discutindo indicações, vantagens e desvantagens de cada método; e manifestações clínicas, prevenção e tratamento de IST/Aids. Nesse contexto os graduandos são orientados a construir pastas temáticas individuais para fixação do conteúdo abordado e apoio durante as atividades práticas da unidade. Para cada tema abordado, os graduandos ficavam pelo menos um período para estudo prévio para preparo antes dos encontros teóricos e práticos.

Posterior a realização de aulas com docentes da área de saúde da mulher, são ministradas aulas teóricas com professores da saúde da criança e do adolescente sobre o processo do adolescer. Nesse momento são abordados temas como mudanças anatômicas e fisiológicas do desenvolvimento e crescimento da

adolescência; desenvolvimento da sexualidade do adolescente; formação de identidade e imagem corporal com os diferentes comportamentos dos adolescentes na sociedade; identidade de gênero e vulnerabilidade do adolescente nos diferentes grupos sociais referentes às drogas, IST/Aids, gravidez, aborto, violência; direitos constitucionais, instituições de acolhimento e políticas públicas de atenção ao adolescente; formas de abordagem do adolescente frente à prevenção e promoção de saúde e saúde sexual.

Como atividade para fixação desses conteúdos, os graduandos de enfermagem participam de ações educativas sobre o tema de forma dinâmica, por meio de oficinas práticas, aplicadas pelos docentes da unidade, com objetivo de garantir abordagem, interação e integração adequadas com os adolescentes.

Essas oficinas são compostas por 14 dinâmicas, distribuídas em dois períodos durante o ensino na graduação, como foram detalhadas acima.

Essas oficinas instrumentalizam os graduandos para a replicação aos adolescentes do ensino fundamental II e médio de instituições públicas do município, previamente selecionadas, durante quatro períodos. Em cada turno uma turma diferente é abordada, mesclando adolescentes de 12 até 19 anos em grupos de no máximo 15 alunos. Cada grupo de adolescente é gerenciado por até quatro graduandos de Enfermagem. Nesse momento, esses alunos assumem protagonismo de educadores, reproduzindo, sob supervisão direta de docentes, todo aprendizado adquirido até o momento, de forma ativa e dinâmica. Ao final dessas atividades práticas nas escolas, os graduandos constroem, em grupo, um relatório científico sobre essa experiência, aprimorando sua escrita científica e consolidando o aprendizado.

Ao término de todo esse processo, os graduandos de Enfermagem foram submetidos a realização do pós-teste, idêntico ao pré-teste, também realizado na mesma plataforma, por meio de QR code para o aparelho móvel celular.

O questionário do pré e pós-teste foi constituído por questões objetivas para identificação sociodemográfica dos graduandos (iniciais do nome, idade sexo, cidade de residência, estado civil, renda salário mínimo vigente de R\$1.320,00, cor/etnia e religião, além das seguintes dimensões temáticas da unidade: construção do corpo humano,, métodos contraceptivos, IST/Aids, identidade de gênero e violência (Apêndice A).

O instrumento foi previamente testado quanto ao conteúdo e tempo necessário para seu preenchimento, sendo realizada as adequações necessárias. Essas informações não foram contabilizadas no resultado final. O pré-teste e pós-teste foram aplicados no dia anterior e posterior ao início e término da unidade, respectivamente. Ambos aplicados com todos os graduandos reunidos no mesmo ambiente, sem possibilidade de trocas de informações.

Na dimensão sobre “corpo humano”, foram abordados aspectos da fisiologia, alterações hormonais e físicas da fase da adolescência, primeira relação sexual e conceito de virgindade. Quanto à dimensão “gênero”, foi explorada as diferenças de identidade de gênero, além dos tipos de orientação sexual. Na dimensão “métodos contraceptivos” (MC), questionou-se sobre o uso correto dos métodos mais comuns (como preservativo e MC orais e injetáveis), gravidez e outros MC. Na quarta dimensão, que estava relacionada com infecções sexualmente transmissíveis, foram abordadas as diferenças dos termos Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)/aids, maneiras de contrair e transmitir HIV, tratamento de sífilis e outras IST (gonorreia, HPV, hepatite e herpes). Na última dimensão sobre violência, tipos de violência, drogas, abordagem multiprofissional e direitos e deveres dos profissionais, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e atuação dos serviços de saúde para o acompanhamento da população adolescente.

Para análise, os dados foram transpostos da plataforma *Google Forms*® para uma planilha eletrônica no Microsoft Excel®, em seguida organizados e analisados no software R Core Team®, versão 2020.

Na análise descritiva utilizou-se as frequências absoluta e relativa e box-plots. Foram aplicados os testes estatísticos t-Student pareado para comparar o desempenho/performance médio (acertos) do pré e pós-teste, considerando nível de significância de 95%.

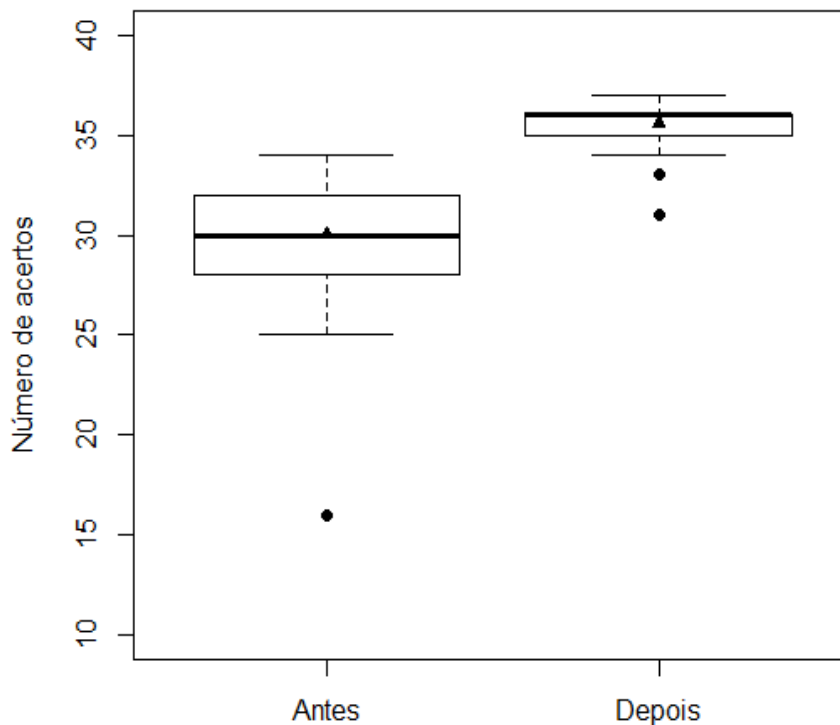
O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa mediante CAAE nº 61140022.5.0000.5231 conforme parecer nº 5.681.581. Os participantes foram esclarecidos sobre os procedimentos do estudo, dos riscos e benefícios ao participarem do estudo. Foi garantido o anonimato e enfatizou-se que a participação seria de forma voluntária mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B).

3.1.4 RESULTADOS

Do total de 46 estudantes matriculados no 2º ano do curso, 41 responderam o pré e pós-teste, sendo a maioria do sexo feminino (85%), com idade média de 21 anos. Pouco mais da metade (56%) referiram renda de até um salário mínimo (R\$1320,00), 63% se autodeclararam brancos sendo, 6 alunos autodeclarados “pardos”, 26 alunos autodeclarados “brancos”, 2 alunos autodeclarados “amarelos” e 7 alunos se autodeclararam “pretos”, 63% sem parceiros e 68% cristãos, sendo 39% católicos e 29% evangélicos.

Figura 1 demonstra a proporção de acertos gerais no pré e pós-teste, e revela que houve aumento significativo (valor $p=1.77e-12$) na média de acertos após a participação na unidade curricular. No pré-teste a média de acertos totalizou 30% de respostas corretas e passou para 36% no pós-teste.

Figura 1 – Comparação da média de acertos dos graduandos de Enfermagem, antes e após da participação na unidade curricular. Londrina, Paraná, 2023



Fonte: Próprio autor (2024).

Na tabela 1, foi comparado o número médio de acertos em cada dimensão e observou-se que houve aumento significativo no pós-teste. As questões que apresentaram maior aumento foram relacionadas à construção do corpo humano e IST/Aids.

Tabela 1 – Média de acertos em cada dimensão, antes e após realização da unidade curricular. Londrina, Paraná, 2023

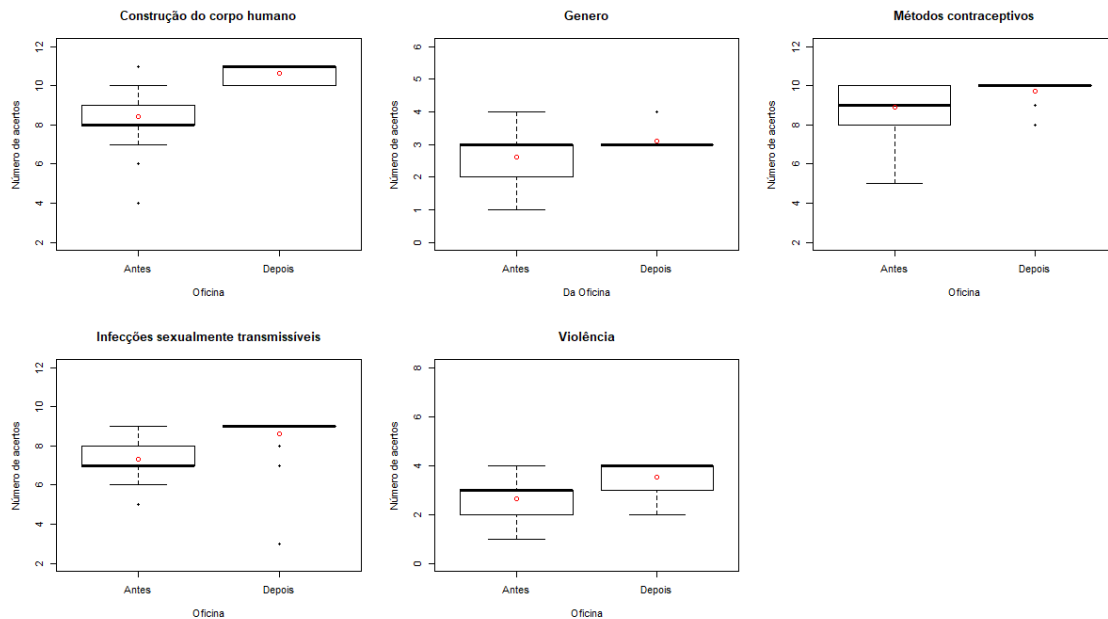
Dimensões	Pontuação de acertos		Valor-p
	Antes	Depois	
Construção do corpo humano (C)	8,4 ($\pm 1,37$)	10,6 ($\pm 0,48$)	$5,66 \times 10^{-12}$
Gênero (G)	2,6 ($\pm 0,73$)	3,1 ($\pm 0,30$)	$2,04 \times 10^{-4}$
Métodos contraceptivos (M)	8,9 ($\pm 1,16$)	9,7 ($\pm 0,50$)	$1,48 \times 10^{-4}$
Infecções Sexualmente Transmissíveis (I)	7,3 ($\pm 1,33$)	8,6 ($\pm 1,02$)	$3,37 \times 10^{-7}$
Violência (V)	2,6 ($\pm 0,69$)	3,5 ($\pm 0,64$)	$1,06 \times 10^{-6}$

Nota: Média (\pm desvio padrão)

Fonte: Próprio autor (2024).

Por meio da representação gráfica (boxplot) da figura 2 é possível verificar o aumento na proporção de acertos no pós-teste se comparado ao pré-teste. Há grande diferença de acertos no pós-teste nas questões sobre construção do corpo humano e IST/Aids, enquanto nas dimensões de gênero e violência o aprendizado se manteve semelhantes nos dois momentos (pré e pós-teste).

Figura 2 - Comparação da proporção média de acertos, no pré e pós teste das quatro dimensões. Londrina, Paraná, 2023



Fonte: Próprio autor (2024).

3.1.5 DISCUSSÃO

O ensino sobre o tema sexualidade ainda é um grande tabu para a sociedade. Apesar desse contexto, futuros profissionais de saúde devem estar preparados para lidar com as demandas e problemas relacionados à saúde pública de toda população. Os dados desse estudo demonstram que o conhecimento dos graduandos do 2o ano do curso de enfermagem aumentou após participação da unidade curricular Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva.

Estudo realizado em 2019 com graduandos do curso de medicina de uma universidade pública a respeito do ensino da temática sexualidade, concluiu que a abordagem tinha como foco apenas os aspectos biológicos, excluindo questões fundamentais para o cuidado. Os estudantes referiram que a formação foi insuficiente e não os preparou para lidar com seus futuros pacientes. Este mesmo estudo apontou que a implementação de metodologias participativas, promovendo o protagonismo de todos para construção crítica do saber são extremamente necessárias (Val *et al.*, 2019).

Apesar dos estudantes deste estudo apresentaram idade média de 21 anos, em que se espera que já tenham iniciado sua vida sexual, ainda possuem dúvidas significativas sobre questões relacionadas principalmente à construção do corpo humano e prevenção de IST/Aids, demonstrando o ensino sobre o tema como insuficiente durante a formação básica no ensino fundamental e médio. Assim, infere-se que se torna urgente a execução das diretrizes curriculares já previamente estabelecidas no ensino básico e no ensino superior dos profissionais de educação e saúde.

Entre os graduados que se declararam "pretos", estava o que apresentou maior número de erros no pré-teste, porém, no pós-teste este mesmo aluno teve o maior número de acertos com relação aos demais. Apesar disso, a raça não foi um fator que influenciou no nível de ensino-aprendizagem entre os graduandos.

Com relação ao nível de aprendizado de negros e brancos, na literatura, encontrou-se uma disparidade racial nas salas de aula. Foi realizado um estudo com estudantes do ensino médio e constatou-se que o nível de aprendizado de estudantes brancos foi quatro vezes maior em relação à estudantes negros (ANUÁRIO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2019).

Vale ressaltar que esses futuros profissionais ingressam nas universidades ainda na juventude e, trazem consigo, preconceitos e desinformações que, se não discutidas e sanadas durante a graduação, dificilmente terão a possibilidade de contribuir para educação de adolescentes e jovens nos seus espaços de trabalho, bem como contribuir para romper este ciclo de agravos como IST/Aids que permanece na sociedade.

Ainda é recorrente que profissionais, pais e lideranças religiosas se manifestem contra o uso de medidas preventivas como o preservativo. Por isso, é necessário que seja contemplado, em suas intervenções, reflexões para além do modelo biológico.

Estudo com o objetivo de descrever a elaboração de uma estratégia educativa para criar espaço de diálogo entre profissionais de saúde, educadores e adolescentes, conclui que a sexualidade deve ser abordada em sua dimensão construída socialmente, contemplando perspectivas físicas, psicológicas, emocionais, culturais e sociais, evitando-se o reducionismo biológico para que assim esteja mais próximo do adolescente alcançar a promoção de sua saúde integral (Nogueira, 2012).

De acordo com o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, o número de casos de infecção pelo vírus HIV notificados cresceu 15% entre 2020 e 2021, além de 360 mil casos de sífilis acumulados entre janeiro de 2018 e junho de 2020 (Brasil, 2022). Os dados mais recentes da UNAIDS, publicados em 2023, referentes ao ano de 2022, mostram que hoje existem 39 milhões de pessoas vivendo com HIV no mundo. Dessas, 1,5 milhão são crianças de zero a 14 anos, e apenas 57% desses possuíam acesso ao tratamento (UNAIDS, 2023).

Para tanto, a educação sexual para adolescentes e jovens nas escolas e espaços de saúde poderá impactar positivamente na promoção de uma sexualidade com medidas protetivas para romper a disseminação de IST e HIV/aids, que tem onerado os custos com estratégias para o tratamento desses agravos e diminuem a qualidade de vida produtiva do indivíduo. Dados do Ministério da Saúde mostram que no Brasil, desde 2019, mais de R\$6,6 bilhões foram investidos na aquisição de medicamentos de terapia antirretroviral para o tratamento de HIV/aids (Brasil, 2022).

Sobre construção do corpo humano, tema este que aborda fisiologia e questões relacionadas ao desenvolvimento físico, normalmente vistos em aulas de ciências durante a educação básica, neste estudo foi o tema que teve maior número de acertos no pós-teste, denotando que o conhecimento prévio era insuficiente, sendo necessário as sucessivas aproximações na temática, do ensino básico ao superior, para que o aprendizado seja concretizado.

No artigo “A formação de egressos de Enfermagem e seus estranhamentos no mundo do trabalho em saúde”, os autores verificaram que a relação entre a teoria e a prática deve acontecer de maneira articulada através de sucessivas aproximações com a realidade, permitindo aprofundar as experiências do que é ser enfermeiro (Shoji *et al.*, 2020).

Estudo com estudantes de Enfermagem, de características demográficas semelhantes à presente pesquisa, identificou que durante a abordagem sobre sexualidade a maior parte relatou que o ambiente escolar (da infância e fundamental) representou pouca ou nenhuma troca de conhecimento sobre a temática, exceto em algumas aulas de biologia descartando aspectos psicossociais, pois o foco foi estritamente biológico (Silva; Santos, 2019).

Vale refletir que abordagem dos professores nas aulas de biologia se restringe apenas ao biológico, inferindo-se que sua formação universitária não o

preparou para disseminar conhecimento numa abordagem mais ampla, incluindo aspectos socioculturais, identidade de gênero, religiosos e econômicos que interferem na determinação do processo saúde-doença dos diferentes grupos sociais e etários.

Neste estudo, as questões abordadas na dimensão sobre gênero, foram as que tiveram menor número de acertos entre pré e pós-teste. Ao contrário, a pesquisa qualitativa realizada com estudantes de Enfermagem do primeiro e oitavo semestre em uma universidade no estado de São Paulo, evidenciou que o conhecimento aumentou a respeito das questões de gênero, pois souberam diferenciar e respeitar os diferentes (Zani et al., 2019).

Destaca-se que no presente estudo abordamos pontualmente os graduandos no 2º ano o que pode diferir na construção da aprendizagem ao longo do curso como apresenta os resultados na universidade paulista. Saliencia-se que as discussões sobre identidade de gênero devem ser abordadas durante o processo de formação dos estudantes para que haja construção de novos olhares e saberes para que as diferenças sejam acolhidas e respeitadas sem pré conceitos e preconceitos.

Os diferentes gêneros ainda sofrem preconceitos, necessitando de atendimento que visa equidade e assistência de qualidade por profissionais de saúde.

O assunto deve ser colocado em pauta obrigatória visto que a discussão do tema em instituições de ensino superior auxilia na desconstrução de pré-conceitos historicamente disseminados na sociedade e contribuem para consolidar o despreparo de profissionais, que ao longo de sua formação, não são estimulados a discussão do tema de maneira aberta, prejudicando a relação profissional-usuário quando há contato com a diversidade sexual e, conseqüentemente, criando barreiras para produção e cuidados dos diferentes públicos (Guimarães, 2020).

Outro assunto abordado neste estudo foi sobre as IST/Aids. Nesta pesquisa o aumento de acertos foi significativamente maior no pós-teste. Em um estudo publicado no ano de 2022, os pesquisadores mostram que o conhecimento prévio a respeito de IST, apresenta um papel importante na educação e formação do futuro profissional de saúde, observaram-se que discussões em ambientes familiares e controle exercido pela religião podem influenciar na aquisição do conhecimento por parte do graduando (Lima *et al.*, 2022).

Estudo com 40 acadêmicos de Enfermagem, em uma Universidade Federal do Sul do Brasil, em 2019, com o objetivo de identificar o conhecimento e

ações de autocuidado frente às IST mostrou que os estudantes referiram que foi importante tanto para o autocuidado quanto para o cuidado do próximo, pois o mesmo influenciou na translação do conhecimento de forma correta para a promoção da saúde da população (Petry *et al.*, 2019). Ainda para os autores quanto mais conhecimento adquirido sobre a temática, maior serão as chances de realização de ações preventivas no âmbito da saúde sexual.

A respeito da dimensão sobre conhecimento sobre métodos contraceptivos, neste estudo apresentou um aumento na média de acertos de 8,9 para 9,7 no pós teste. Estudo com 198 acadêmicos da área da saúde com o objetivo de identificar quais métodos contraceptivos eram mais utilizados pelos mesmos e que influenciaram a adesão e/ou rejeição, identificou que 67% não utilizaram nenhum tipo de método de barreira ou MC nas relações sexuais. Os achados revelaram que o uso de “métodos contraceptivos” ainda não é uma realidade o que torna necessário a formação destes estudantes que irão cuidar e orientar a população nos diferentes espaços de saúde, mas demonstram comportamentos de risco para a própria saúde (Paiva *et al.*, 2020). Para tanto, surge uma formação que aborde o autocuidado destes jovens estudantes que serão os futuros transmissores e formadores de cuidado em saúde.

A dimensão sobre violência sexual e atuação dos profissionais de saúde é uma temática que envolve um complexo problema social e de saúde pública e deve ser abordada nas universidades no intuito de preparar os estudantes para o acolhimento das vítimas e para o combate da mesma. Mas, o aprendizado dos graduandos desse estudo, embora tenha aumentado se comparado pré e pós-teste, foi menor se comparado a dimensão corpo humano e IST/Aids, podendo-se inferir que é um tema que deve ser trabalhado ao longo do curso visto a sua complexidade e paradigmas a serem superados.

Em um estudo realizado sobre a “importância da atuação do enfermeiro às vítimas de violência sexual” conclui-se que a intervenção desses profissionais é fundamental para a prevenção, acompanhamento, reabilitação e tratamento de indivíduos acometidos por diversos tipos de violência, sempre com sigilo, respeito e preservando a autonomia na tomada de decisões de cada um (Paula *et al.*, 2019).

Neste estudo, houve maior número de acertos principalmente nas questões relacionadas à construção do corpo humano e IST/Aids, embora os temas

de identidade de gênero, métodos contraceptivos e violência também apresentaram aumento significativo, demonstrando que essas temáticas necessitam de uma abordagem contínua, não apenas durante esta unidade mas nas séries subsequentes para a formação do futuro profissional de saúde. Além de estarem associadas ao processo de desenvolvimento sexual, esses questionamentos trazem consigo aspectos sociais, religiosos e culturais arraigados no indivíduo que podem ser desmistificados ao longo do curso, revendo pré conceitos e desenvolvendo novos modos de pensar e agir.

Por outro lado, os graduandos tiveram momentos de estudo para cada tema, e talvez não tenha sido o suficiente para que houvesse retenção do conhecimento, pois, falar sobre sexualidade ainda está ligado a tabus e escassez de informações tanto no âmbito familiar quanto no ensino fundamental/médio e na universidade.

Em um estudo realizado com estudantes de Enfermagem sobre a temática, a sexualidade foi considerada como algo velado no ambiente familiar e escolar. A falta de diálogo, ausência de orientações e falta de acesso aos serviços de saúde influenciam a adoção de práticas inseguras, pois temas que se referem ao biológico são dominantes nos espaços escolares e universitários, se comparado ao desenvolvimento humano, especificamente, o que envolve a sexualidade (Silva; Santos 2019).

A graduação de Enfermagem é composta por uma população jovem, que pode se tornar protagonista e multiplicador de diversas ações de prevenção, facilitando a comunicação e aproximação com adolescentes, visto que é um grupo etário que dificilmente se sente seguro e busca a atenção primária de saúde para sanar dúvidas e ter orientação em saúde.

O preconceito ainda é bastante presente tanto na formação acadêmica quanto na prática profissional. O tema sexualidade necessita desconstruir-se quando associado ao gênero e sexo, entendendo que envolve dimensões biológicas, humanas e sociais que necessitam ser integrados durante a formação e desenvolvimento de profissionais de saúde que atuam diretamente no cuidado (Lourenço *et al.*, 2020).

Com o advento da internet e tecnologias, urge a necessidade de ferramentas de saúde voltadas especificamente para grupos de adolescentes (Silva

et al., 2019). A equipe multiprofissional de saúde deve unir tecnologia com o uso de atividades lúdicas, utilizando comunicação mais informal como estratégias de abordagem deste grupo, visando perpetuar a presença destes nos espaços de saúde (como nas UBS), sanando suas dúvidas e possibilitando vínculo com os adolescentes (Dultra *et al.*, 2023).

Apesar de algumas ações educativas serem abordadas pela escola, ela é mais efetiva quando realizada por um profissional de saúde. O futuro profissional de saúde deve estar preparado para sensibilização e conscientização de adolescentes, uma vez que a ausência desse público nos serviços de saúde com escuta qualificada e informações pertinentes geram sentimentos de ansiedade, culpa, medo e diminuem a oportunidade do mesmo conhecer sua sexualidade como algo natural e sem preconceitos (Barbosa *et al.*, 2020). Vale destacar que essa mesma ação realizada com adolescentes também deve abranger os professores das escolas e pais para que todos possam, em conjunto, promover a saúde sexual de forma mais efetiva no ambiente escolar.

3.1.6 Limitações do estudo

Mesmo que o estudo tenha sido realizado com grande rigor metodológico, ele apresenta limitações. A pesquisa demonstra a realidade de apenas um grupo de estudantes, de uma universidade pública no norte do Paraná, visto que outras universidades ainda não adotam a abordagem de unidade curricular ou disciplina sobre sexualidade humana. Acredita-se que novas pesquisas, com outros grupos e universidades precisam ser realizadas para ampliação do conhecimento sobre a temática.

3.1.7 Contribuições do estudo

O estudo mostrou que houve aprendizagem dos graduandos de Enfermagem após a participação na unidade curricular sobre sexualidade, gênero, métodos contraceptivos, IST/Aids e violência e drogas.

Os futuros profissionais de saúde puderam exercer atividades teórico-práticas, replicá-las para o grupo etário adolescente sobre a temática, bem como

oportunidade em reconhecer as exigências de cada usuário e impactando na promoção e prevenção de saúde, em especial, das IST e HIV/aids.

3.1.8 CONCLUSÃO

Houve retenção do conhecimento dos graduandos de Enfermagem sobre as dimensões abordadas na unidade curricular, com maior número de acertos nas dimensões construção do corpo humano e IST/Aids.

Apesar disso, em todas as dimensões o aumento de acertos quando comparado pré e pós-teste foi significativo. Ainda se faz necessário a continuidade da abordagem sobre temas referentes à identidade de gênero, violência e drogas, pois neste estudo apresentaram pouca diferença de acertos no pré e pós-teste.

Os futuros profissionais de saúde tiveram a oportunidade teórico-prática durante o ensino superior para lidar com o público adolescente sobre o tema sexualidade, identidade de gênero, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, violência e drogas, que podem ser aplicados nos diferentes cenários assistenciais.

3.1.9 REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA 2019. São Paulo: Moderna, 2019. Disponível em: todospelaeducacao.org.br

ALVES, I. S. G.; SILVA, J. M. O. Vivência de uma acadêmica de enfermagem durante o estágio supervisionado na maternidade de alto risco. **GepNews**, Maceio, 2, n. 2, p. 218-223, 2019.

BARBOSA, L.U; *et al.* Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 4, p. 2921-2921, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 573, de 31 de janeiro de 2018**. Aprova o Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de Diretrizes

Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso573.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

CONCEIÇÃO, V. D. *et al.* Atuação da enfermagem na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão integrativa. **Revista**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 122, 2023.

DAL'IGNA, M. C. *et al.* Gênero, sexualidade e biopolítica: processos de gestão da vida em políticas contemporâneas de inclusão social. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Porto, v. 27, n. 140, p. 1-26, 2019.

DULTRA, I.V. *et al.* Relato de experiência: Sexualidade na adolescência com uma abordagem prática e integrativa na Estratégia Saúde da Família. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 13, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i13.44172>

GUIMARÃES, N. P. *et al.* Avaliação da implementação da Política Nacional de Saúde Integral à população LGBT em um município da região Sudeste do Brasil. **Reciis: Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde**, Manguinhos, v. 14, n. 2, p. 372-85, 2020.

LABEGALINI, C. M. G. *et al.* Percurso cuidativo-educativo dialógico sobre envelhecimento ativo com profissionais da estratégia saúde da família. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, p. e20180235, 2020.

LIMA, L. V. *et al.* Análise comparativa do conhecimento de estudantes de enfermagem sobre HIV/aids e sífilis. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 36, p. e46715, 2022.

LOURENÇO, H. O papel do enfermeiro na sexualidade do cidadão com problemas no seu continuum de saúde. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, v. 23, p. 6-8, 2020.

MATOS J.C. *et al.* Atuação da escola na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde (Brasília)**, v. 7, n. 2, p. 773-792, 2016.

COSTA VAL, A. *et al.* "Nunca me falaram sobre isso!": o Ensino das sexualidades na perspectiva de estudantes de uma escola federal de medicina. **Revista Brasileira Educação Médica**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 108-118, 2019. Suplemento 1.

MAZUR, S. M.; GIORDANI, A. T.; COELHO NETO, J. Repensar a formação de professores de enfermagem: uma perspectiva a partir de uma Revisão sistemática de literatura. **Revista de Ensino Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 10, n.1, p. 28-36, 2019.

NOGUEIRA, M. J. *et al.* Escolas e Unidades Básicas de Saúde: diálogos possíveis e necessários para a promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 92, p. 117-124, 2012.

OLIVEIRA, D. M, *et al.* Saberes e práticas de enfermeiros sobre a participação social na saúde, **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 3, p. 421-427, 2016.

PAIVA, E. M. C. *et al.* Uso de métodos contraceptivos entre acadêmicos da área da saúde. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 41, n. 2, p. 331-340, 2020. Suplemento.

PAULA, S.S. *et al.* A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL. **REVISTA JURÍDICA UNIANDRADE**, Curitiba, v.30, n. 1, 2019.

PETRY, S. *et al.* Saberes de estudantes de enfermagem sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 5, p. 1145-1152, 2019.

PÜSCHEL, V. A. A. *et al.* Nurses in the labor market: professional insertion, competencies and skills. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 6, p. 1220-1226, 2017.

SEHNEM, G.D. *et al.* Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. **Av Enferm**, v. 37, n. 3, pg. 343-352, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v37n3.78933>

SHOJI, S. *et al.* A formação de egressos de Enfermagem e seus estranhamentos no mundo do trabalho em saúde. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 1, e18110111558, 2021.

SILVA, R. P.; CAMACHO, A. C. L. F. Uso da metodologia ativa comparada a metodologia tradicional no ensino de enfermagem: pesquisa de intervenção. **Revista Recien: Revista Científica de Enfermagem**, São Paulo, v. 13, n. 41, p. 55-65, 2023.

SILVA, T. R. F.; SANTOS, S. M. P. Representações dos estudantes de enfermagem sobre sexualidade: entre estereótipos e tabus. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. e0020233, 2019.

SOUZA, E. F. D.; SILVA, A. G.; SILVA, A. L. L. F. Metodologias ativas na graduação em enfermagem: um enfoque na atenção ao idoso. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, p. 976-980, 2018. Suplemento 2.

VIEIRA, M. A. *et al.* Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de enfermagem: o papel das competências na formação do enfermeiro. **Revista Renome: Revista Norte Mineira de Enfermagem**, Monte Claros, v. 5, n. 1, p. 105-121, 2016.

VAL, A.C. *et al.* “Nunca Me Falaram sobre Isso!”: o Ensino das Sexualidades na Perspectiva de Estudantes de uma Escola Federal de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Minas Gerais, pg. 108-118, 2019.

WEBER, A. P. T.; FIRMINI, F.; WEBER, L. C. Metodologias ativas no processo de ensino da enfermagem: revisão integrativa. **Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES**, Juína (MT), v. 2, n. 2, p. 82-114, 2019.

XIMENES NETO, F. R. G. *et al.* Reflexões sobre a formação em Enfermagem no Brasil a partir da regulamentação do Sistema Único de Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 37-46, 2020.

ZANI, L. F.; TERRA, M. F. Conhecimentos sobre identidade de gênero e orientação sexual entre graduandos/as de enfermagem. **Journal Health NPEPS**, Tangará da Serra, v. 4, n. 2, p. 167-179, 2019.

4.2 ESTUDO 2

SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA PARA ESTUDANTES DE ENFERMAGEM: ANÁLISE A LUZ DA COMPLEXIDADE DE MORIN.

4.2.1 RESUMO

Objetivo: Compreender a vivência de graduandos de Enfermagem quanto ao processo de ensino-aprendizagem sobre sexualidade e adolescência. **Método:** Estudo de abordagem qualitativa, teorizado sob o olhar da complexidade de Edgar Morin. Participaram do estudo 21 graduandos de uma universidade pública estadual do norte do Paraná. Os dados foram obtidos por meio da realização de grupo focal, submetidos à análise temática reflexiva. **Resultados:** A partir dos relatos emergiram dois temas de análise, composta por subtemas: 1. Vivência na unidade sexualidade e adolescência; 1.1 A voz do ensino médio no ensino superior; 1.2 Vivência na unidade e uso de metodologias ativas. 2. Reproduzindo a temática para os adolescentes na escola, 2.1 Vivenciando na pele o “ser professor”; 2.2 O feedback dos adolescentes para os estudantes; 2.3 Perspectivas para ser enfermeiro e educador sexual; 2.4 Políticas públicas para promoção da saúde sexual. **Conclusão:** Discutir sobre sexualidade humana e adolescência no curso forneceu subsídios para o próprio aprendizado e quando aplicado aos adolescentes na escola potencializou o processo de ensino-aprendizagem.

Descritores: Universidades; Estudantes de enfermagem; Educação sexual; Adolescência; Enfermagem pediátrica.

ABSTRACT

Objective: To understand the experience of nursing students regarding the teaching-learning process about sexuality and adolescence. **Method:** Study with a qualitative approach, theorized from the perspective of Edgar Morin's complexity. 21 undergraduates from a public state university in northern Paraná participated in the study. Data were obtained through a focus group, subjected to reflective thematic analysis. **Results:** From the reports, two themes of analysis emerged, consisting of subthemes: 1. Experience in the unity of sexuality and adolescence; 1.1 The voice of secondary education in higher education; 1.2 Experience in the unit and use of active methodologies. 2. Reproducing the theme for teenagers at school, 2.1 Experiencing “being a teacher” firsthand; 2.2 Feedback from teenagers to students; 2.3 Perspectives for being a nurse and sex educator; 2.4 Public policies to promote sexual health. **Conclusion:** Discussing human sexuality and adolescence in the course provided support for one's own learning and when applied to adolescents at school, it enhanced the teaching-learning process.

Keywords: Universities; Nursing students; Sex education; Adolescence; Pediatric nursing.

4.2.2 INTRODUÇÃO

Durante a adolescência, há um desenvolvimento e crescimento do indivíduo sob diversos aspectos, com manifestações fisiológicas e psicossociais de caráter intrínseca, entre elas a sexualidade. Apesar da puberdade ser considerada um parâmetro universal, característico deste período, ela é influenciada pelo contexto sociocultural que este indivíduo está inserido (Silva *et al.*, 2019).

A discussão sobre sexualidade tem suma importância no crescimento individual e social de um indivíduo. Acadêmicos da área da saúde demonstram desconhecimento e/ou dificuldade em abordar o tema (SÁ *et al.*, 2023).

A abordagem do tema sexualidade durante a graduação do curso de Enfermagem foi desenvolvida de maneira histórica, de acordo com a realidade sanitária do país. Nas décadas de 1970 e 1980 o enfoque era mais preventivo, com ações voltadas para promoção, prevenção e orientações de IST específicas. Com o advento da aids, foi demonstrada a necessidade de apropriação sobre o assunto por profissionais de saúde. Apesar disso, esse conteúdo foi pouco assumido por docentes do curso de Enfermagem, permanecendo o ensino voltado para educação em promoção e prevenção de saúde (Petry *et al.*, 2021).

Ainda hoje, existem barreiras quando se referem a abordagem do tema sexualidade. Por isso, existe uma necessidade de mudanças no ensino, para o rompimento de espaços de tabu e para um espaço de troca de conhecimento (SILVA, *et al* 2019).

Identifica-se um alerta para educadores, uma vez que o tema ainda é associado à professores que se sensibilizam com o mesmo, situação esta que se configura como uma fragilidade dos cursos de Enfermagem, uma vez que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos cursos de graduação em Enfermagem apontam a necessidade da formação de futuros profissionais de saúde de maneira generalista, humanista, crítica e reflexiva, com capacidade de agir com senso de responsabilidade e comprometimento (Brasil, 2018).

Mediante o contexto amplo e complexo a respeito do ensino e preparo de futuros enfermeiros sobre sexualidade, o presente estudo teve como objetivo

compreender a vivência de graduandos de Enfermagem quanto ao processo de ensino-aprendizagem sobre sexualidade e adolescência.

4.2.3 MATERIAL E MÉTODO

4.2.3.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo qualitativo pautado na teoria da complexidade de Edgar Morin, norteado pela ferramenta COREQ-32 (2007). Integrante de um projeto multicêntrico de pesquisa intitulado “Adolescência e juventude & exposição ao HIV em estados brasileiros: análise epidemiológica, geoespacial e desenvolvimento de ações preventivas multiplicadoras”, financiado pelo CNPq, sendo realizado em municípios de grande porte.

4.2.3.2 Referencial Teórico

Utilizou-se como referencial a teoria do pensamento complexo e os sete saberes necessários para educação do futuro de Edgar Morin, para compreender e interpretar os principais pontos necessários referentes ao ensino sobre sexualidade e adolescência. Segundo Morin, no paradigma da complexidade, “o ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas” (Morin, 2002, p.58).

Sua teoria é ligada por três princípios: o dialógico em que Morin aborda que ideias contrárias precisam coexistir para que os eventos façam sentido; o recursivo, que abrange um sistema complexo capaz de se reproduzir e criar clones de si mesmo, não é um organismo que nasce, cresce, morre e desaparece e sim se multiplica em outros organismos, produzindo efeitos e transformando causas; o hologramático, que estabelece que cada sistema tem dentro de si todas as informações que o sistema oferece e o todo também está presente dentro das partes, o indivíduo pertence a sociedade e a sociedade está dentro do indivíduo por meio da linguagem, valores e cultura compartilhada (Morin, 2000).

Para Edgar, o ser humano não é apenas técnico e lógico. Ele também é louco e irresponsável devido a visão equivocada da ciência, que favorece o reducionismo, fragmentação e rompimento de conexões possíveis entre diferentes esferas do

conhecimento. Para romper com esse paradigma que gera um pensamento reducionista, Morin propõe então a Teoria do Pensamento Complexo.

Essa teoria defende a unificação do conhecimento, reconectando o que historicamente foi desconectado. O autor compara o conhecimento a um tecido em que os fios ficam entrelaçados, uma abordagem científica que vê o objeto de estudo como um sistema constituído de partes que são mutuamente interdependentes, que interagem entre si e se transformam (Morin, 2000).

Em seu livro “os setes saberes necessários para educação do futuro”, Morin aborda caminhos para todos aqueles que pensam e fazem educação, preocupados com o futuro de crianças e adolescentes. Aborda as cegueiras do conhecimento, que geram erros e ilusões na vida de cada indivíduo (Morin, 2000, p. 19): “Além disso, o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos. A educação deve-se dedicar, por conseguinte, à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras.”

O segundo princípio aborda o conhecimento pertinente, levando em consideração o mundo globalizado, chamado de era planetária. As informações são interligadas e coisas que acontecem ao redor do mundo influenciam a vida de cada indivíduo devido ao elevado acesso à informação. Para o autor, a educação deve desenvolver uma aptidão para organizar o conhecimento, pois essa globalização gera um problema universal que são as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares. O ser humano não é apenas um corpo (órgãos), ele possui uma parte psíquica, social, afetiva e racional. A sociedade não é apenas uma dimensão histórica, mas também socioeconômica, sociológica e religiosa. As partes não podem ser isoladas do todo. Por isso, Morin utiliza o complexo que junta todos os conceitos e afirma que “a educação deve promover a inteligência geral de modo que cada indivíduo compreenda o complexo dentro da concepção global” (Morin, 2000, p. 39).

O terceiro saber é ensinar a condição humana, fala sobre as várias dimensões dos seres complexos (mente, cultura e indivíduo) e reafirma que o homem é HOMO COMPLEXUS = seres racionais e irracionais, capazes de afetividade intensa e instável. Por isso, a educação deve abordar as semelhanças e também as diferenças. Apesar do homem ser igual biologicamente, possui diferenças culturais chamadas de uniduidade pelo autor, e a educação do futuro deve cuidar para que “a ideia de

unidade não apague a diversidade”, levando em consideração as diferenças de cada indivíduo” (Morin, 2000, p. 55).

O quarto é ensinar a identidade terrena, pois na era das telecomunicações/internet e complexidade do mundo, o pensamento não deve ser linear e sim global. Segundo o autor “o mundo se torna cada vez mais um todo” e por isso é necessário desenvolver uma identidade terrena e consciência terrena, aprender a viver, dividir, comunicar e educar a próxima geração. A educação do futuro deve enfrentar as incertezas, pois para Morin, toda evolução é fruto de um desvio bem sucedido, pois, a educação não é linear.

É preciso também ensinar a compreensão, a educação tem como missão incluir a empatia, identificação de todo e é dificultada pelo egocentrismo, sociocentrismo e etnocentrismo. A ética da compreensão para Morin é sobre entender o outro sem julgar, sem esperar nada em troca e aprendendo sempre com diferentes culturas. Para o autor, devemos realizar a introspecção que seria a autocrítica, entendendo que o ser humano é frágil, insuficiente e carente, necessita de compreensão e por isso não pode julgar o próximo.

O último saber necessário é a ética do gênero humano, que analisa a complexidade humana por meio da antropoética, defende a democracia como forma de organização humana, porém com ressalvas, admitindo que ela pode ser frágil em momentos de grandes decisões. “A antropoética é uma cadeia de três termos: indivíduo, sociedade e espécie” (Morin, 2000, p.106). É por meio dela que emergem a consciência humana, que é a base para o ensino da ética no futuro, com o objetivo de trabalhar a humanização (Cabral, Carneiro, 2021). Em seu livro “Ensinar a viver” cabe à escola, em última análise, ensinar a viver (Morin, 2015).

O ensino sobre sexualidade, mesmo no ensino superior, hoje ainda é repleto de tabus. Por mais que sua presença seja garantida nos currículos da graduação, muitas vezes a abordagem ocorre de maneira pontual, permeada de estigmas e preconceitos, limitando o desempenho profissional dos futuros enfermeiros para com a população (Beraldi *et al.*, 2024).

4.2.3.3 Cenário do estudo

O estudo ocorreu em uma universidade pública localizada na região norte do Estado do Paraná. O local foi selecionado por se apresentar como a única universidade a utilizar uma unidade curricular que aborda sexualidade humana e adolescência, desde o ano 1997, no curso de graduação em Enfermagem, que até 1999 era desenvolvida na disciplina de Assistência Integral a Saúde da Criança I com carga horária de 120 horas para os estudantes do 1º semestre do 3º ano tendo como campos de prática a atenção primária, o Centro de Educação Infantil e as escolas de ensino fundamental e médio, sendo a última com apenas 20 horas teórico-práticas. Com a mudança curricular, em 2000, passou a ser intitulada Sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva com 96 horas (48 horas teóricas e 48 horas práticas), realizada no 1º semestre do 2º ano do curso de Enfermagem. O curso conta com a oferta de 60 vagas anuais. A unidade curricular é executada duas vezes no semestre, pois enquanto 30 estudantes (turma 1000) executam essa unidade os outros 30 (turma 2000) estão na unidade curricular Práticas do cuidar e, após, ocorre a inversão dos grupos (Alves, 2018).

O ambiente escolhido para realização do grupo focal foi uma sala de aula, isolada das demais, que teve como características principais: boa iluminação, ar condicionado, espaço adequado e longe dos ruídos externos. Para proporcionar conforto e motivar os graduandos, antes do início da pesquisa foi realizado um momento de interação entre os participantes, com o objetivo de tornar o ambiente mais agradável, descontraído e interativo.

A coleta dos grupos focais contou com a presença de uma moderadora (enfermeira mestranda, pesquisadora) egressa do curso de Enfermagem em 2021, e uma observadora graduanda bolsista de iniciação científica do segundo ano do curso, sexo feminino, previamente treinada, para auxiliar a moderadora na observação e, posteriormente, transcrição. Os entrevistados não tinham conhecimento sobre características pessoais do entrevistador, nem sobre seus objetivos pessoais e razões para desenvolvimento da pesquisa. Com a finalidade de registro e armazenamento de informações foi solicitada autorização dos participantes para uso de gravadores durante o encontro.

4.2.3.4 Participantes do estudo

Após terem participado das atividades teóricas e práticas da unidade curricular, no último dia da realização da unidade curricular, todos os 21 graduandos que previamente participaram do pré e pós teste foram convidados pela pesquisadora a participarem do grupo focal.

Os critérios de inclusão foram: estar matriculado no curso de enfermagem e cursando a unidade em questão; idade maior ou igual a 18 anos; participação em todas as etapas propostas pela unidade, incluindo os momentos de teoria e prática. Os critérios de não inclusão foram: não participação da realização das oficinas e/ou baixa frequência nas aulas da unidade. Os critérios de exclusão foram: participação direta na produção da pesquisa e impossibilidade de permanência para realização do grupo focal, no dia e horário proposto.

Foram constituídos dois grupos, sendo o primeiro composto por 12 graduandos, com duração de 42 minutos e o segundo por 9 graduandos do curso de Enfermagem, durando 55 minutos. Acredita-se que a baixa adesão dos graduandos à realização do grupo focal seja por despreparo para permanecer após o término das atividades acadêmicas e/ou compromissos previamente agendados.

Ambos os grupos participaram da mesma vivência, iniciaram com as aulas da unidade curricular ministradas por professores da Saúde da Mulher e Saúde da Criança e do Adolescente com aulas dinâmicas e expositivas e oficinas com dinâmicas sobre educação sexual. Após, as práticas foram executadas pelos estudantes aos adolescentes de instituições públicas de ensino fundamental e médio, instituições essas que atendem jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e pessoal.

Os conteúdos teóricos abordados foram: Saúde sexual; Saúde reprodutiva; Anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino; Construção social de gêneros e identidade de gênero; Violência contra a mulher; Direitos reprodutivos; Métodos contraceptivos; Planejamento reprodutivo; IST/Aids; Processo de adolescer (Alterações fisiológicas na adolescência; Hábitos alimentares, necessidades nutricionais e disfunções alimentares; Vulnerabilidade na adolescência quanto à gravidez, aborto, IST/Aids; Vulnerabilidade na adolescência quanto às drogas lícitas e ilícitas e Políticas públicas e direitos do adolescente: Estatuto da Criança e do Adolescente). Foram aplicadas 14 dinâmicas, sendo:

- Dinâmica 1 - Apresentação: a parte do corpo que mais gosta

- Dinâmica 2 - Construção do corpo humano feminino e masculino
- Dinâmica 3 - Questão de gênero: vantagens e desvantagens de ser homem e mulher.
- Dinâmica 4 - Métodos contraceptivos: o que conhecem?
- Dinâmica 5 - Métodos contraceptivos: utilização, dinâmica e contra-indicação.
- Dinâmica 6 - Gincana do preservativo masculino.
- Dinâmica 7 - Urna secreta: dúvidas e sugestões de temas.
- Dinâmica 8 - IST: o que conhecem e as formas de transmissão e prevenção.
- Dinâmica 9 - Mitos sobre métodos contraceptivos e meios de contágio de IST.
- Dinâmica 10 - Semáforo: riscos de adquirir IST.
- Dinâmica 11 - Cartão: transmissão de HIV.
- Dinâmica 12 - Confete: uso de drogas ilícitas e lícitas.
- Dinâmica 13 - Violência contra o adolescente: tipos e condutas de prevenção.
- Dinâmica 14 - Direitos e Instituições de apoio ao adolescente.

4.2.3.5 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu nos meses de novembro e dezembro de 2023, após o final de cada rodízio da unidade. Para realização do grupo focal, utilizou-se um roteiro semiestruturado, composto por 11 questões para serem trabalhadas com os graduandos:

1. Como foram as expectativas para iniciar a unidade e como ela foi de maneira geral?
2. Como foi para você aprender sobre o tema sexualidade e ISTs?
3. O que vocês acharam da experiência de ir até o campo como professores?
4. Conte-me como foi para você participar e replicar as oficinas? Quais foram os benefícios de participar de uma oficina que não teve em outras unidades? E o que foi ruim, das oficinas? Existe alguma barreira nesse método?
5. Após participar desta unidade, qual a percepção de vocês sobre ISTs e sexualidade? Mudou a visão de vocês?

6. Antes da realização da unidade, você já havia recebido alguma orientação ou atendimento em algum serviço de saúde que explicasse pra você sobre IST ou abordagem sobre sexualidade?
7. O que mais te marcou no método de ensino de oficinas?
8. Como vocês acham que ISTs e sexualidade podem afetar a vida com relação as relações familiares, amorosas e sociais?
9. Como momentos de discussão sobre assunto nas escolas podem contribuir para prevenção de IST em adolescentes?
10. Diante da experiência que vocês tiveram agora, o que vocês esperam do futuro de jovens e adolescentes com relação a ISTs?
11. Qual sua expectativa após aplicar e participar das oficinas sobre sexualidade e prevenção de ISTs? Mudou algo para você como futuro profissional? Faria algo diferente?

Após o término da realização do grupo focal, foi ofertado aos graduandos escutar suas falas e a possibilidade de modificar seus discursos caso desejassem. Nenhum deles demonstrou interesse em alterar suas falas.

4.2.3.6 Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, as informações foram transcritas e realizada análise reflexiva seguindo as seis fases de Braun e Clarke (2006, 2019). Sendo elas: 1. Familiarização com o conjunto de dados - com o processo de transcrição dos relatos e em sucessivas leituras dos relatos; 2. Codificação dos dados em “rótulos” sucintos que geram significados e características importantes para a pergunta de pesquisa; 3. Geração de temas iniciais e organização dos códigos em padrões; 4. Desenvolvimento e revisão dos temas, por meio da revisão dos temas anteriormente elencados para desenvolvê-los sustentando a ideia central da pesquisa; 5. Definição e nomeação dos temas - análise detalhada de cada tema e subtema elencados; 6. Produção do relatório final, entrelaçando as informações encontradas com o referencial teórico proposto nesta pesquisa.

4.2.3.7 Aspectos éticos

Todos os participantes desta pesquisa foram orientados e salientado que sua participação seria de caráter voluntário, mediante assinatura do termo TCLE após aceite. Foram esclarecidas dúvidas sobre riscos e benefícios de forma verbal e escrita no TCLE. Para garantir o anonimato dos participantes, os mesmos foram identificados com a letra inicial G, de graduando, seguido do número que indica a ordem da realização de sua fala durante o grupo focal (G1, G2, G3...). O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa mediante CAAE nº 61140022.5.0000.5231 e parecer nº 5.681.581 (Anexo A).

4.2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aceitaram participar do estudo 21 graduandos do segundo ano do curso de Enfermagem, que haviam participado da unidade curricular.

Dentre os participantes desse estudo, houve predominância do sexo feminino 85% (n=17), semelhante ao observado na categoria em nível mundial (90%) (WHO, 2020), 60% se consideravam de cor branca (n=12), com média de 20 anos, com variação mínima e máxima de idade entre 19 e 27 anos, respectivamente. Entre os participantes 70% não tinham parceiros (n=14), 60% da religião católica (n=12), 90% fizeram o ensino médio em instituições públicas (n=18), 45% com renda salarial até 1 salário mínimo (n=9), 30% entre 2 e 3 (n=6) e 25% acima de 3 salários mínimos (n=5).

Ao realizar a análise temática reflexiva os dados foram organizados em duas categorias, com os seguintes subtemas: 1. Vivência na unidade sexualidade e adolescência, 1.1 A voz do ensino médio no ensino superior, 1.2 Abordagem e uso de metodologias ativas; 2. Reproduzindo a temática para os adolescentes na escola, 2.1 Vivenciando na pele o "ser professor"; 2.2 O feedback dos adolescentes para os estudantes; 2.3 Perspectivas para ser enfermeiro e educador sexual; 2.4 Políticas públicas para promoção da saúde sexual.

Os resultados deste estudo possibilitam um olhar complexo a respeito de como tem sido o ensino sobre a temática sexualidade para jovens e universitários e sua importância para formação do futuro profissional enfermeiro.

É possível associar os achados deste estudo com o olhar da complexidade para educação do futuro proposto por Morin (2000), em seu livro "Os sete saberes necessários para educação do futuro". Nesse livro, o autor aborda sete princípios

necessários para educação do futuro, sendo eles: erro e ilusão; conhecimento pertinente; ensinar a identidade terrena; ensinar a condição humana; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; ética do gênero humano.

Tema 1: VIVÊNCIA NA UNIDADE SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA

Nesse tema, os graduandos foram questionados a respeito de seu conhecimento prévio sobre sexualidade, adquirido durante o ensino fundamental e médio. Os relatos se dividiram em duas esferas elencadas nos seguintes subtemas: 1.1 A voz do ensino médio no ensino superior e 1.2 Abordagem e uso de metodologias ativas.

1.1 A voz do ensino médio no ensino superior

Nesse subtema, os estudantes do curso referiram que houve o mínimo e até nenhum contato sobre sexualidade, métodos contraceptivos e ISTs durante o ensino fundamental e médio. Somente a execução da unidade curricular permitiu o despertar da temática em diferentes contextos.

[...] tinha muita coisa que por mais que eu tenha tido em aula no ensino médio, não abrangiam tudo [...] eu nunca tinha visto isso, ou eu nunca tinha visto isso desse jeito. (G1)

Coisas sobre o gênero também, acho que...é...até a gente que vive no meio da comunidade teve coisa que foi nova. (G9)

[...] tem coisas que eu aprendo hoje em dia aqui na faculdade, muitas das ISTs eu não fazia a mínima ideia, métodos contraceptivos também eu não conhecia, eu aprendi na hora mesmo. (G15)

Eu mesmo nunca tinha visto um preservativo feminino, vi a primeira vez aqui na faculdade, nem sabia como se usava, então acho que agregou muito. As ISTs também tinha visto no colégio/ cursinho. (G20)

Em um estudo semelhante a esse, realizado com graduandos do curso de Enfermagem na cidade de Campina Grande, Paraíba, no ano de 2019, os entrevistados evidenciaram que o ambiente escolar representou um local de pouco ou nenhuma troca de conhecimento sobre a temática sexualidade (Silva *et al.*, 2019).

A alta de informação sobre educação sexual pode estar diretamente relacionada com o aumento de casos de ISTs e por esse motivo a escola precisa ensinar valores, atitudes e comportamentos relacionados ao sexo, além da

necessidade de direcionar as políticas públicas que desmentem mitos e preconceitos. Desta maneira, o ensino sexual contribui de forma relevante para a saúde de crianças e adolescentes (Matão *et al.*, 2019; Brum, 2020; Barbosa *et al.*, 2019; Ramos *et al.*, 2019; Pereira *et al.*, 2019).

Morin discorre no “conhecimento pertinente” sobre a importância de um conhecimento global, abrangendo o todo, sem fragmentação. Nos relatos encontrados neste estudo, os graduandos relatam sobre a falta de conteúdos relacionados ao tema sexualidade durante o ensino fundamental e médio e, alguns pontos que apesar de simples, a exemplo preservativo feminino e discussão de gênero, só foi possível conhecer numa unidade curricular no ensino superior. O todo neste caso não está sendo abordado, pois a sexualidade é complexa e envolve outros aspectos que não são apresentados aos jovens.

Percebe-se também a partir das falas dos graduandos nos discursos a seguir que discussão sobre gênero gera conflitos e reflexão no próprio modo de ser homem e mulher na sociedade.

[...] eu acho que quem pesava mais (deixava o uso de metodologias ativas mais difícil) era a gente porque a nossa sala é...um pouco de polêmicas (imatura). (G10)

[...] como homem eu não consigo pensar e não sabia colocar vantagens e desvantagens de ser homem, algo que realmente faça sentido que fique claro. (G14)

O processo do adolescer possui diferentes fases e ainda os estudantes do segundo ano do curso são jovens e permanecem nesse processo de busca de identidade e, a vivência em grupo nem sempre é fácil.

Para Fontes *et al.* (2019) a imaturidade é um dos desafios encontrado nos graduandos do ensino superior visto que muitos ingressam na universidade despreparados e inseguros.

Fini (2018) aborda que as instituições do ensino superior, no Brasil, devem considerar o perfil de entrada de seus acadêmicos, com o dever de assumir a responsabilidade de suprir as lacunas de aprendizagem da educação básica. Em “ensinar a compreensão” Morin dialoga sobre um ensino sem julgamentos, entendendo que o ser humano é frágil, insuficiente e carente. Nesse estudo, podemos associar a imaturidade apresentada pelos graduandos, que precisa ser trabalhada durante a graduação para que atinjam um ensino de excelência ao final de sua

trajetória para serem inseridos no mercado de trabalho e atender as expectativas dos diferentes grupos sociais e instituições de saúde.

1.2 Abordagem e uso de metodologias ativas

Nesse subtema, os graduandos relataram esperar que a unidade em questão fosse mais leve e de fácil entendimento, características essas que podem ser proporcionadas por meio do uso das metodologias ativas.

[...] esse módulo me trouxe à mente que é tranquilo falar sobre isso, que não é errado, é natural (G10).

[...] mais leve...mais tranquilo. (G13)

[...] eu achei mais tranquilo (G17)

Para Dias-Lima (2019), as metodologias ativas tornam o discente protagonista do seu processo de aprendizagem e o professor assume a função de mediador ou facilitador.

Em um estudo realizado, em 2021, para avaliar as contribuições das metodologias ativas para formação do enfermeiro, concluiu que trazem pontos positivos aos discentes, com uma busca autônoma pelo conhecimento a partir do interesse próprio e conhecimentos prévios, permitindo um olhar crítico e humanizado sobre a realidade (Barros *et al.*, 2021).

Nesse estudo, o olhar dos discentes também foram positivos para o uso das metodologias ativas por ser uma forma leve e tranquila para abordagem do conteúdo. Além disso, os alunos relataram um “boom” de novas informações e vários pontos positivos relacionados ao uso de metodologias ativas no desenvolvimento da unidade.

[...] cabeça saiu explodindo várias vezes. (G1)

[...] não era um conteúdo denso, era tudo muito dinâmico, não era cansativo. (G8)

[...] era pra ser leve...? acho que foi. (G9)

[...] as oficinas, elas são boas para autoconhecimento, preservação do próprio corpo, o que pode e o que não pode, o que é normal, o que é certo e o que não é. (G10)

[...] eu senti mais leveza, porque não tem hierarquia professor/aluno, as residentes (residentes de enfermagem obstétrica) que tem idade parecida ajuda a explicar. (G14)

De acordo com Silva e Camacho (2023), o uso de metodologias ativas leva maior interação e protagonismo do aluno de Enfermagem, garantindo o aprendizado

e facilitando a dialogicidade no processo de ensino. O uso dessa metodologia pode favorecer o pensamento, pois permite que o aluno extraia suas próprias experiências e faça com “link” com as teorias e práticas (Martins *et al.*, 2019).

O uso das metodologias ativas, quando comparadas às tradicionais, permite maior participação ativa dos alunos, interação, concentração e desenvolvimento crítico-reflexivo (Silva; Camacho, 2023).

Os alunos desse estudo relataram como ponto positivo a ausência de hierarquia professor/aluno, característica do ensino tradicional, que não ocorre com o uso das metodologias ativas.

Por outro lado, como ponto negativo do uso das metodologias, graduandos citaram a falta de profundidade no momento de abordar o assunto, apesar das dúvidas terem sido sanadas.

[...] eu acho que falta um “link” com a nossa profissão, aprofundar. (G13)

[...] não foi muito aprofundado. (G21)

Em um estudo realizado com 111 estudantes de Enfermagem, no norte de Minas Gerais, no ano de 2020, sobre o uso de metodologias ativas, os estudantes relataram como ponto negativo a independência do professor e a pressão exercida em alunos mais tímidos, mas 77,5% declararam que as metodologias ativas favorecem o processo de ensino e aprendizagem em diferentes disciplinas (Colares, 2020).

Nesse estudo, os graduandos relataram sobre a falta de aprofundamento na temática, porém este problema pode estar relacionado com a falta de maturidade do discente em buscar esse aprofundamento e levar para sala de aula questionamentos necessários para esse aprofundamento, ou até mesmo a dependência do modelo tradicional de ensino que vivenciou durante o ensino fundamental e médio, em que os mesmos aguardam que o docente transmita o conteúdo.

A geração Z é formada por jovens que não conhecem o mundo sem as influências das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e vivem entre o online e offline.

Há um surgimento de novos formatos de comunicação através das redes sociais, rápidas mudanças tecnológicas, que transformam a compreensão de práticas sociais e profissionais (Levickaite, 2010; Zivnuska *et al.*, 2019).

Esta geração é marcada pela dificuldade de continuidade e conclusão de atividades, devido a alternância constante entre várias tarefas. Além disso, possuem dificuldade em realizar várias coisas ao mesmo tempo. É um grupo marcado também por novas formas de aprendizado.

O conceito de tempo é dominado pela lógica do instante, momentâneo, de forma que suas vidas se constituem de momentos desordenados e automatismos tecnológicos.

Nesta unidade, os graduandos têm período de estudo e preparo que nem sempre utilizam para disciplina e por serem ainda do 2º ano ainda estão aprendendo a desenvolver disciplina e aproveitamento do estudo. Por outro lado, em nova grade curricular no curso, a partir de 2025, essa unidade passará a ser chamada de “Saúde e sexualidade do Adolescente” e terá maior carga horária, passando de 96 horas para 135 horas, sendo 90 horas teóricas e 45 horas práticas, o que poderá permitir maior aprofundamento da temática.

Tema 2: REPRODUZINDO A TEMÁTICA PARA OS ADOLESCENTES

Nesse tema apreendeu-se a experiência do graduando em multiplicar o que aprendeu sobre a temática na unidade para os adolescentes nas escolas, e foi possível extrair três subtemas: 2.1 Vivendo na pele o “ser professor” abordando a experiência proporcionada pela unidade sobre a docência; o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais a partir da experiência; 2.2 O feedback dos adolescentes para os estudantes, abrangendo alguns fatores extrínsecos que influenciam nesse conhecimento como problemas intergeracionais, machismo, uso de drogas e outras vulnerabilidades; 2.3 Perspectivas para ser enfermeiro e educador sexual, percepções resultantes da prática com adolescentes, em que os graduandos adquiriram conhecimento sobre o principal papel do enfermeiro; 2.4 Políticas públicas para promoção da saúde sexual, em que os graduandos apontam a importância do desenvolvimento de políticas públicas voltadas para educação em saúde.

2.1 Vivendo na pele o “ser professor”

Nesse subtema, os graduandos discorreram sobre os sentimentos de impotência e frustração relacionados à vivência da prática na “docência” replicando as oficinas com as dinâmicas aos adolescentes que se mostraram desinteressados e intransigentes.

[...] Isso faz a gente se sentir muito impotente...não tem o que fazer para mudar aquele pensamento e isso é muito ruim. (G7)

[...] difícil nas escolas...própria interação com os adolescentes...não queriam participar. (G17)

[...] não tinha tanta atenção. (G20)

[...] falta de participação e interesse. (G21)

Nascimento e Seixas (2020) abordam sobre a realidade de professores em lidar com adolescentes e seu adoecimento nas últimas décadas. Relatam sentimentos de tristeza, solidão, desânimo, desesperança, fracasso e impotência por parte dos docentes. Semelhante aos resultados de Nascimento e Seixas, os graduandos desse estudo referiram dificuldades de interação, atenção e interesse ao replicarem as dinâmicas sobre sexualidade para os adolescentes na escola.

Estudo com o objetivo de identificar as principais dificuldades na abordagem do tema sexualidade pelos docentes em sala de aula em duas escolas públicas, no ano de 2019, evidenciou que as maiores barreiras foram a inquietude dos adolescentes e a falta de tempo para abordar toda a temática (Silva, 2019). Essa inquietude pode ser associada à falta de interação/atenção e participação citada pelos graduandos durante a realização do presente estudo. Entretanto, os graduandos desenvolveram competências para lidar com esse público e conseguiram transmitir o conhecimento aos adolescentes.

Didáticas diferentes, tentar abordar a mesma coisa de formas diferentes...a gente aprendeu a lidar com as adversidades com a pressão. (G1)

[...] usar a palavra que eles vão entender melhor. (G10)

[...] para poder ensinar, a gente teve que aprender mais...eu absorvi mais conhecimento para ensinar o mínimo para eles, ter que decodificar aquela informação novamente para transformar para eles. (G11)

Morin afirma que “há efetivamente dois meios para enfrentar a incerteza da ação. O primeiro é totalmente consciente da aposta contida na decisão, o segundo recorre à estratégia” (Morin, 2006, p.90). As estratégias citadas pelos graduandos

tinham como finalidade contribuir com o aprendizado do outro, com o objetivo de tornar o ensino sempre melhor.

Willian Glasser, psiquiatra, desenvolveu a “teoria da escolha” baseada em uma pirâmide de aprendizagem, intitulada “como aprendemos”, onde no topo o aprendizado se dá pela leitura e outras por meio de metodologias passivas no processo de ensino, como escutar/ver/ver e ouvir, e na base (95%) do aprendizado ocorre ao “explicar, resumir, estruturar, definir, ensinar e ilustrar”, ou seja, o maior nível de aprendizado se dá quando ocorre a transmissão do mesmo para outro, utilizando-se das metodologias ativas de ensino (Glasser, 2001).

Nas falas dos graduandos do presente estudo podemos confirmar a teoria de Glasser, uma vez que os alunos afirmaram que para ensinar foi preciso “aprender mais”, sendo necessário maior dedicação e aprendizado para disseminação do conhecimento.

2.2 O feedback dos adolescentes para os estudantes

Nesse subtema os graduandos emitiram suas percepções a respeito do nível de conhecimento dos adolescentes. Em um primeiro momento, foi possível perceber as diferentes opiniões entre os meninos e meninas.

[...] as meninas se destacaram no sentido de prevenção. A mulher que é “responsável” que recai sobre ela a responsabilidade de gravidez, ela fica muito mais preocupada com os métodos. (G17)

[...] os meninos nas questões de infecções tiveram muito mais interesse que as meninas. (G19)

[...] percebi que os meninos não sabiam nada a respeito do corpo masculino e do feminino eles sabiam muito. (G14)

A discussão sobre o tema sexualidade e identidade de gênero ainda é permeada de crenças, mitos, e estereótipos e tabu social, além da abordagem curricular ser totalmente biologicista (Queiroz *et al.*, 2016).

Foi realizado um estudo com adolescentes sobre a temática e assim como neste estudo, as meninas se destacaram com relação ao conhecimento, demonstrando mais proatividade em seus discursos com falas de responsabilização com relação à prevenção da gravidez (Ferreira, Piazza, Souza, 2019).

Outro ponto importante extraído pelos graduandos durante as atividades com os adolescentes foram os relatos machistas.

[...] carga machista, conceitos tão pesados, machistas... , porque o machismo tá tão estruturado nele, e porque era um homem maior que ele, se fosse menor também. (G1)

[...] homens não precisam pensar em nada de vantagem e desvantagem, é uma coisa que já tá muito tempo (o machismo) e desde o oitavo ano que as meninas já falam socialmente, porque é uma coisa que elas sentem na pele.(G21)

No primeiro princípio de seu livro, Morin (2000) aborda sobre o “erro e ilusão” em que a educação deve identificar a origem dos erros, ilusões e cegueira. No presente estudo, foi possível averiguar “erros” associados a pensamentos machistas e diferenças entre os sexos, passadas entre as gerações.

Além disso, os graduandos relataram também sobre a falta de conhecimento ou conhecimento errôneo a respeito do próprio corpo e autocuidado, bem como os papéis sociais nas relações entre eles.

[...] a gente viu que era bem feia a situação porque eles (se referindo aos meninos) não sabiam basicamente nada. (G13)

Me chocou bastante o quanto que eles não conheciam IST's. (G2)

[...] tinham um conhecimento prévio mas muito defasado, “errado”... ele tratava o coito interrompido como um método super eficaz... , as meninas tinham um conhecimento muito bom também... em nenhum momento tinha enfoque de prevenção de doenças... abria a mente deles, porque a gravidez era responsabilidade só da menina se cuidar. (G21)

Os principais meios de informações de adolescentes, hoje, sobre saúde sexual, são fontes não confiáveis, como internet (redes sociais e sites), seguidas por revistas e televisão. Há uma dificuldade em filtrar a quantidade de informação acessível presente na internet (Freitas, Brêtas, 2020; Patterson *et al.*, 2019).

No ano de 2019, residentes de diversas áreas da saúde da cidade de Florianópolis promoveram oficinas educativas com adolescentes de instituições públicas e perguntaram sobre métodos contraceptivos, IST e sistemas reprodutores, a maior parte deles apresentou senso comum, com dificuldade de expressar opiniões, expectativas e dúvidas.

Assim como ocorreu na cidade de Florianópolis, nesse estudo, os graduandos citam a falta de conhecimento prévio por parte dos adolescentes, demonstrando o quão necessário é a implantação de programas de educação sexual nas escolas que promovam a saúde e previnam agravos relacionados a falta de conhecimento sobre sexualidade.

Em “ensinar a identidade terrena”, Morin aborda que vivemos em um era globalizada e é necessário criar uma identidade terrena, com princípios e verdades a serem seguidas, “aprender a viver, dividir, comunicar e educar a próxima geração”. Podemos associar as falas dos graduandos com relação à percepção deles sobre o conhecimento do adolescente muitas vezes ser totalmente incorreto, demonstrando que a geração anterior não está sabendo “dividir, comunicar e educar” da maneira correta o que tem perpetuado os mesmos agravos ao longo das décadas, agravos pelos quais poderiam ser prevenidos com ações de promoção da saúde (Morin, 2000).

Nos discursos dos graduandos apreendeu-se que falta momentos de discussão sobre sexualidade entre as gerações devido ao tabu e/ou preconceito incluindo nas suas famílias e que trazem consigo.

[...] uma quebra de tabus, relacionado com esse assunto, em casa meus pais se contorcem em falar sobre esse assunto, sexualidade.[...] tabu que eu trago dentro da minha casa, pela minha religião...vir pra área da sexualidade me fez abrir a mente. (G20)

[...] na minha família é um tabu falar sobre sexo/sexualidade (G10).

Em uma ação desenvolvida em março de 2021 de educação sobre sexualidade com adolescentes do 8º e 9º ano, no Ceará, constatou-se que os alunos apresentavam muitas dúvidas sobre IST's e muitas vezes buscavam a professora para esclarecer suas dúvidas, visto que não tinham liberdade para conversar com seus familiares (Pereira, Almeida, 2023).

Estudo sobre o tabu da educação sexual na infância, realizado em 2021, conclui que a educação sexual não apresenta um ambiente aberto de escuta e circulação de ideias para crianças e adolescentes.

Apesar disso, elas recebem grandes estímulos de “informações sexuais” de baixa qualidade, presentes na mídia e a ausência de espaços de conversas com educadores e familiares acaba fortalecendo o tabu desse conteúdo, cada vez mais silenciado para este público (Garbarino, 2021).

Para Soler (2002), a mídia, televisão ou aulas de biologia pouco vinculadas à educação sexual geram uma “gestualidade do ato sexual”, pois não há palavras para discutir o tema em si, apenas imagens, gestos, risos e silêncio que não permitem uma discussão aberta sobre o tema.

Estudo com alunos do ensino médio identificou que a família, religião e escolaridade de maneira contínua no comportamento dos sujeitos, que estão cada vez mais reprimidos em suas relações sociais, interpessoais e sexuais (Madeira; Salim, 2019). Outro ponto bastante citado pelos graduandos foi o conhecimento dos adolescentes a respeito de drogas e a normalização da violência.

[...] uma droga nova, e é super perigoso. (G2)

[...] o que mais me marcou foi a violência, o quanto eles normalizavam apanhar, ou ver a mãe batendo no irmão. (G3).

[...] eles tinham só 13 anos e ele sabia tanto daquilo (drogas). [...] falando sobre violência sexual, aí eles começaram a brincar muito com isso, achando graça. (G10)

Eles normalizaram muito isso das drogas. (G17)

No ano de 2021 foi realizada uma revisão integrativa com o objetivo de fornecer uma visão abrangente dos fatores comportamentais que aumentam o risco de infecção às IST. Entre os achados desta revisão, está que adolescentes brasileiros apresentam dentre principais fatores desencadeadores de altas taxas de IST, o uso de drogas e a falta de informações sobre a temática (Moreira, 2021). Outros estudos (Ludwig, 2021; Haney-Caron *et al.*, 2021) apontam que o uso de drogas é um dos principais fatores de risco para aquisição de HIV em adolescentes. O primeiro estudo avaliou o comportamento de risco de 288 jovens de 15-21 anos, que estavam em tratamento para drogas em Baltimore, Maryland, EUA. Os resultados identificaram que o sexo, experiência de dependência (desintoxicação anterior, abstinência) e relacionamentos como influenciadores do uso de substâncias. O segundo estudo avaliou os fatores de risco para infecção por HIV, entre eles jovens envolvidos na justiça, uso de substâncias, comorbidades psiquiátricas e comportamentos sexuais de risco. Os jovens do estudo afirmaram uso maconha e de outras substâncias ao longo da vida. Conclui-se que o tratamento do uso de substâncias foi significativamente associado à realização de testes de HIV ao longo da vida.

Estudo com 273 escolares com idades entre 15 e 19 anos, em seis municípios do Brasil, 21,9% (n=56) relataram uso atual de drogas ou em algum momento de suas vidas. Houve uso precoce de drogas e relação com a maior exposição sexual entre os adolescentes (Silva *et al.*, 2022).

Foi realizada uma revisão integrativa no ano de 2023, com o objetivo de compreender a importância da enfermagem no desenvolvimento de educação sexual

em adolescentes no Brasil, foi possível associar a educação sexual como uma forma preventiva contra violência, IST e outros problemas que permeiam o adolescer (Sousa, 2023).

2.3 Perspectivas para ser enfermeiro e educador sexual

Nesse subtema os graduandos referem que a partir dessa experiência entenderam que o principal papel do futuro enfermeiro é orientar, trabalhar com prevenção e educação sexual, bem como propor intervenções.

O que a gente pode fazer é orientar... Saber abordar esses assuntos, que a gente tem agora essa bagagem e conhecimento. (G9)

[...] propor intervenções. (G21)

No terceiro princípio Morin (2000) discute sobre “ensinar a condição humana”, afirmando que o homem (ser racional e irracional) que para o autor apesar de possuir carga biológica semelhante em todos os seres humanos, possuem diferenças culturais que devem ser levadas em consideração. Afirma que “a ideia de unidade não apague a diversidade”, ou seja, existem diferentes culturas, gêneros e pensamentos que devem ser respeitados.

Em um estudo realizado no ano de 2021, foi possível verificar a existência de muitas grades curriculares desatualizadas quanto a abordagem sobre sexualidade na graduação de Enfermagem, formando profissionais incapacitados para o atendimento integral do indivíduo no âmbito de diversidade sexual e de gênero, podendo assim causar prejuízos a longo prazo a pessoas assistidas por esses profissionais. Concluiu-se que o debate sobre as questões é importantes e deve ser realizada na pesquisa, ensino e extensão, garantindo uma assistência eficaz no futuro (Nascimento *et al.*, 2021).

Ao associar este ponto com o presente estudo, podemos considerar a importância da abordagem da temática na graduação de Enfermagem, uma vez que este futuro profissional é visto como protagonista e promotor de saúde em escolas, com a responsabilidade de buscar a melhoria da saúde, qualidade de vida e redução de vulnerabilidades por meio da promoção e prevenção de saúde (Silva, 2021).

Foi realizado uma revisão bibliográfica no ano de 2023 sobre a importância da educação em saúde para adolescentes e evidenciou-se que a preocupação de

profissionais de saúde atuantes ou em formação em trabalhar a temática nos leva a refletir o quão importante é o elo entre educação e saúde e como esse laço pode favorecer a prevenção de indivíduos (Lima; Costa, 2023).

Os graduandos desse estudo recebem em sua grade curricular conteúdos atualizados que abrangem o tema educação sexual como um todo, sem excluir minorias ou conteúdos a respeito da diversidade sexual.

2.4 Políticas públicas para promoção da saúde sexual

Em alguns momentos durante o grupo focal, mesmo sem perceber, os graduandos apontaram a importância do desenvolvimento de políticas públicas para desmistificar e ensinar corretamente sobre saúde sexual aos adolescentes.

[...] se a família não aborda, a saúde não aborda, a gente precisa de uma pessoa (um grupo), que vá lá e fale para eles e explique sobre isso, porque se eles não tiverem o contato não vão saber sobre isso. (G5)

[...] se em casa não conversa...porque são assuntos que é difícil de tratar, porque não vai ser qualquer pessoa que vai chegar pra explicar isso, então acho que um conjunto todo tem que trabalhar com isso e desmistificar isso, tipo educação sexual. (G10)

Quando abordamos a temática sexualidade para adolescentes, destaca-se o Programa Saúde na Escola (PSE), política instituída em 2007 decreto nº 6.286, do Ministério Público e Ministério da Saúde. Seu objetivo é promover a saúde e prevenir doenças. Esse programa visa também a execução de práticas educativas em saúde, uma parceria entre profissionais de saúde e o ambiente escolar (Brasil, 2020).

Mesmo com a criação do PSE, faltam profissionais capacitados para atuar com adolescentes tanto nos espaços da saúde quanto da escola, não seguindo assim as orientações necessárias para o desenvolvimento e acompanhamento de ações propostas pelo programa (Silva; Bodestein, 2016). Destaca-se ainda a importância da articulação saúde/educação e familiares para que haja mudanças expressivas (Teixeira; Couto; Delgado, 2017).

Morin refere que para “enfrentar as incertezas” sobre as estratégias utilizadas para um mundo melhor podemos pensar no desenvolvimento das políticas públicas

de saúde, tais como citadas pelos graduandos do presente estudo para o enfrentamento de um futuro mais bem relacionado à temática sexualidade.

Quanto a “ética do gênero humano” Morin considera a antropoética uma cadeia de três termos: indivíduo, sociedade e espécie e a consciência humana como base para o ensino no futuro, com objetivo principal de trabalhar a humanização.

A falta de humanização e acolhimento de jovens e adolescentes, visão não holística de seus estereótipos são alguns dos obstáculos que podem ser enfrentados pela enfermagem com a finalidade de contribuir para melhora da saúde deste público, uma vez que a enfermagem é a porta de entrada dos serviços de saúde, responsável por exercer atividades de promoção e prevenção de saúde a diferentes grupos sociais (Figueiredo, 2020).

Apesar disso, ainda existe despreparo e falta de humanização de grande parte desses profissionais que devem ser preparados para o atendimento de todos os grupos sociais de maneira eficaz, sem preconceitos ou discriminações, respeitando a diversidade sexual, de gênero e demais características que compõem o indivíduo (Gonçalves; Lustosa, 2019).

Analisando os princípios propostos por Morin, para educação do futuro e os achados desse estudo, podemos concluir que o enfermeiro é peça fundamental para disseminação de conhecimento a respeito da temática educação sexual de forma humanizada e sem preconceitos e pré-conceitos.

4.2.5 Limitações do estudo

Embora o presente estudo tenha sido conduzido com rigor metodológico, ele apresenta limitações. A abordagem da temática sexualidade, no formato de grupo focal pode ter gerado constrangimento e desconforto de alguns participantes, uma vez que essa temática ainda é vista como tabu e permeada por preconceitos. O uso de outra modalidade de coleta de dados, como entrevistas individuais, talvez pudesse ter identificado mais fragilidades e aprofundamento nas falas dos graduandos, uma vez que manteria o anonimato de suas falas e pensamentos.

Outra limitação associada ao número de interessados em participar do grupo focal, seria o fato dos mesmos não terem sido convidados anteriormente, apenas na semana em que a pesquisa seria realizada.

4.2.6 Contribuições do estudo

O presente estudo visa contribuir como um alerta para o ensino fundamental e médio a respeito do que tange a temática sexualidade, uma vez que os graduandos de Enfermagem possuem pouco ou nenhum conhecimento. A unidade curricular ofereceu subsídios sobre sexualidade humana por meio da utilização de metodologias ativas. Para tanto é viável mediante o compromisso em exercer as DCN nos cursos para formar futuros enfermeiros.

4.2.7 CONCLUSÃO

Por meio da realização deste estudo foi possível compreender a vivência de graduandos de Enfermagem quanto ao processo de ensino-aprendizagem sobre sexualidade e adolescência.

Os resultados revelaram o insuficiente conhecimento prévio sobre a temática sexualidade entre os graduandos, recém-formados no ensino médio, podendo-se revelar a importância da abordagem deste tema durante a formação em Enfermagem, para que o futuro profissional de saúde esteja preparado para lidar com o paciente em todas as fases de sua vida. Percebe-se também que adolescentes desta geração apresentam conhecimento sobre a temática muitas vezes errôneo, uma vez que buscam em fontes não confiáveis ao invés de adquirirem o conhecimento correto da família, saúde ou ambiente escolar.

4.2.8 REFERÊNCIAS

BARROS, B. F. *et al.* Sexo sem tabu: relato de um caso de ação comunitária, com foco na promoção de saúde de adolescentes, em uma escola técnica na cidade de São Paulo. **Revista de Medicina (São Paulo)**, v. 92, n. 2, p. 128-133, 2013.

BARROS, R. K. S. P.; LIMA, L. V. S.; FREGADOLLI, A. M. V. *et al.* Contribuições das metodologias ativas e aulas práticas para a formação do enfermeiro. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 9, p. 87189-87209, 2021.

BARBOSA, L. U., VIÇOSA, C. S. C. L., & FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.11, n.10, 2019. <https://doi.org/10.25248/reas.e772.2019>.

BERALDI, M.L; *et al.* O ensino da sexualidade em cursos de Graduação em Enfermagem: revisão sistemática da literatura. **Interface** (Botucatu), v.28, Botucatu, 2024.

BEZERRA, M.M. *et al.* Geração Z: relações de uma geração hipertecnológica e o mundo do trabalho. **R. Gest. Anál.**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 136-149, jan./abr. 2019

BRUM, V. M. Educação em saúde no contexto das IST: revisão na literatura Sobre conhecimentos e práticas envolvendo jovens estudantes. Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde, Curso de Especialização em Residência Multiprofissional Integrada em Gestão e Atenção Hospitalar no Sistema Público de Saúde, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução N° 573, DE 31 DE JANEIRO DE 2018. Aprovar o Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 573, de 31 de janeiro de 2018**. Aprova o Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso573.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Saúde na Escola**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/194secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14578-programa-saude-nas-escolas>. Acesso em: 28 mar. 2024.

CABRAL, E. F. L.; CARNEIRO, K. B. CARNEIRO, T.K. G. O pensamento Complexo de Edgar Morin e suas contribuições ao campo da educação: uma análise da prática desenvolvida na Escola da Ponte à luz da Teoria da Complexidade. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 23, n. 3, p. 1128-1142, 2021.

COLARES, K. T. P, OLIVEIRA, W. *et al.* Uso de metodologias ativas sob a ótica de estudantes de graduação em Enfermagem. **Revista SUSTINERE**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 374-394, 2020.

DANTAS, K. T. B. *et al.* Jovens universitários e o conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis – contribuição para cuidar em enfermagem. **Revista de Pesquisa Online Cuidado é Fundamental**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 3020-3036, 2015.

DIAS-LIMA, A. et al. Avaliação, ensinagem e metodologias ativas: uma experiência vivenciada no componente curricular mecanismos de agressão e de defesa, no curso de medicina da Universidade do Estado da Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, p. 216-224, 2019.

FERREIRA, I. G.; PIAZZA, M.; SOUZA, D. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. **Revista Brasileira de Medicina Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 1788, 2019.

FIGUEIROA, M. N, *et al.* A formação relacionada com a sexualidade humana na percepção de estudantes de enfermagem. **Revista de Enfermagem Referencia**, Porto, v. 4, n. 15, p. 21-30, 2017.

FIGUEIREDO, M.L. Educação Sexual e Reprodutiva para Adolescentes na Atenção Primária: uma Revisão Narrativa. **Ensaios e Ciênc.**, v. 24, n. 1, p. 82-87, 2020.

FINI, M. I. Inovações no ensino superior metodologias inovadoras de aprendizagem e suas relações com o mundo do trabalho: desafios para a transformação de uma cultura. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 19, p.176-183, 2018.

FONSECA, F. F. *et al.* As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 258-264, 2013.

FONTES, F. L. L. *et al.* Desafios e dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro docente para o exercício da docência no ensino superior. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 24, e300, 2019. Suplemento.

FREITAS, M. J. D.; BRÊTAS, J. R.. Direitos sexuais e reprodutivos: o desafio o do exercício da sexualidade na adolescência: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 31, n. 2, 2020

GARBARINO, M. I. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 63, p.e216316, 2021.

GONÇALVES, M. J. R.; LUSTOSA, G. R. Análise conhecimento de enfermeiros relacionados à assistência à população LGBT. **Revista JRG De Estudos Acadêmicos**, Brasília, v. 2, n. 5, p. 226-239, 2019.

GLASSER, W. Teoria da Escolha. Uma nova psicologia de liberdade pessoal. Mercuryo Jovem, 1ª edição, jan-2021.

HANEY-CARON, E.; BROWN, L. K.; TOLOU-SHAMS, M. Brief report: HIV testing and risk among justice involved youth. **AIDS and Behavior**, New York, v. 25, n. 5, p. 1405-1410, 2021.

LEFFA, V. J. Teoria do pensamento complexo. Youtube, 2 set. de 2022. 1 (vídeo 10 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w897QJZ2OWM>. Acesso em: 30 mar. 2024.

LEVICKAITE, R. Generations X, Y, Z: how social networks form the concept of the world without borders (the case of Lithuania). *LIMES: Cultural Regionalistics*, v. 3, n. 2, p. 170-183, 2010.

LIMA, C. E. S. N.; COSTA, C. S. R. A importância da educação em saúde para adolescentes no ambiente escolar. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, v.9, n.1, p. 75-86, 2023.

LOPES, D. B. M. *et al.* Unidade sexualidade: construindo subsídios para atenção integral à saúde sexual e reprodutiva. **Caderno do Módulo Práticas do Cuidar**, 2023.

LOVATO, F. L, *et al.* Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão **Acta Scientiae**, Canoas, v. 20, n. 2, p. 154-171, 2018.

LUDWIG, A. Drug and sexual HIV-risk behaviors among adolescents and young adults with opioid use disorder. **Journal of Substance Abuse Treatment**, New York, n. 130, p. 108477, 2021.

MATÃO, M. E. L., MIRANDA, D. B., RIBEIRO, A. A., DIAS, I. T. S., & CARRIJO, T. M. *et al.* Perspectiva dos educadores em relação a educação sexual nas escolas. **Revista Do CEAM**, v.5, n.2, pg. 76–87, 2019. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3561007>.

MADEIRA, T.F; SALIM, M.A.A. Sexualidade no ambiente escolar: narrativas de adolescentes do ensino médio de uma escola da rede pública em Serra-ES. **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências**, v. 1, 2019.

MAGNAGO, C.; PIERANTONI, C. R. Nursing training and their approximation to the assumptions of the National Curriculum Guidelines and Primary Health Care. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 15-24, 2019.

MAHEIRIE, K. *et al.* Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 537-542, 2005.

MARTINS, C. B. G. *et al.* Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **REME Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 15, n. 4, p. 573-578, 2011.

MARTINS, C.L.M, QUELUCI, G.C. Situation resolutionas a distance teaching strategy on pressure injury preventio. **Enferm Foco**, v.10, n.6, pg. 99-104, 2019.

MOREIRA, G. B. C. *et al.* Adolescentes e as infecções sexualmente transmissíveis: comportamentos de risco e fatores contextuais que contribuem para o aumento da incidência no Brasil. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2021.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000

MORIN, Edgar. O Método 4 – As Idéias, Habitat, Vida, Costumes e Organização. 3ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, E.. Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NASCIMENTO, D. E. M. *et al.* As fragilidades do ensino de gênero e sexualidade na formação acadêmica de enfermagem. **Revista Multidisciplinar Em Saúde**, Papicu, v. 2, n. 4, p. 201, 2021.

NASCIMENTO, K.B; SEIXAS, C.E. O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/36/josepho-adoecimento-do-professor-da-educacaobasica-no-brasil-apontamentos-da-ultima-decada-de-pesquisas>

NOGUEIRA, I. S. *et al.* A percepção e formação dos acadêmicos de enfermagem acerca da sexualidade humana. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 614-619, 2017.

PATTERSON, S. P.*et al.* What are the barriers and challenges faced by adolescents when searching for sexual health information on the internet? Implications for policy and practice from a qualitative study. **Sexually trans-mitted infections**, v. 95, n. 6, p. 462–467, set. 2019.

PEREIRA, I.S.S.D; ALMEIDA, L.M. Educação sobre saúde sexual e reprodutiva na adolescência na perspectiva da extensão universitária: relato de experiência. **Revista Extendere**, v.9, n.2, 2023.

PEREIRA, G. F. M., PIMENTA, M. C., GIOZZA, S. P., CARUSO, A. R., BASTOS, F. I. *et al.* HIV/AIDS, STIs and viral hepatitis in Brazil: epidemiological trends. **Revista Brasileira de Epidemiologia**,v. 22, 2019. <https://doi.org/10.1590/1980-549720190001.supl.1>.

PETRY, S. *et al.* Approaching sexually transmitted infections in a nursing undergraduate curriculum. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 2021.

QUEIROZ, A. A. F. L. N. *et al.* Educação sexual para adolescentes por docentes de um centro de educação comunitária. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 5120-5125, 2016.

RAMOS, F. B. P., CARVALHO, I. M., FILHO, W. P. S., NUNES, P. S., & NÓBREGA, M. M. A educação em saúde como ferramenta estratégica no desenvolvimento de ações de prevenção da transmissão do HIV: um relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n.19, 2019. <https://doi.org/10.25248/reas.e509.2019>.

REIS, K. C. F.; MAIA, A. C. B. Estereótipos sexuais e a educação sexista no discurso de mães. *In*: VALLE, T. G. M. (org.). **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p.137-154.

RESSEL, L. B. **Vivenciando a sexualidade na assistência de enfermagem**: um estudo na perspectiva cultural. 2003. 333 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

REZENDE, A. V.; SOBRAL, O. J. As temáticas relativas à sexualidade humana na formação superior do profissional de enfermagem. **Revista Científica FacMais**, Inhumas, v. 5, n. 1, p. 25-39, 2016.

RIOS, M. O. et al. O programa saúde na escola como ferramenta para a construção da educação sexual na adolescência: um relato de experiência. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, Umuarama, v. 27, n. 5, p. 2359-2354, 2023.

SÁ, A.D.Q. *et al.* Desafios enfrentados pelos profissionais de saúde frente à educação sexual na adolescência: uma perquirição suplementar. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 5, 2023.

SEHNEM, G. D. *et al.* A sexualidade na formação acadêmica do enfermeiro. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 90-96, 2013.

SEHNEM, G. D. **Percepções culturais de estudantes de enfermagem acerca da sexualidade**: o dito e o velado. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2009.

SILVA C. S.; BODSTEIN, R. C. A. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola, **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n.6, p. 1777-1788, 2016.

SILVA, R.P; CAMACHO, A.C.L.F. Uso da metodologia ativa comparada a metodologia tradicional no ensino de enfermagem: pesquisa de intervenção. **Rev Recien**, São Paulo, v. 13, n. 41, pg. 55-65, 2023.

SILVA, A. A, *et al.* Health promotion actions in the School Health Program in Ceará: nursing contributions. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 74, n. 1, p. e20190769, 2021.

SILVA, N. M. *et al.* Nível de conhecimento de adolescentes sobre a infecção pelo HIV: uma relação com autocuidado e comportamentos de risco. **Revista Enfermería Actual en Costa Rica**, San José, n. 43, p. 51427, 2022.

SILVA, R. L. **Dificuldades na abordagem do tema sexualidade para docentes em sala de aula**. 2019. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2019.

SOLER, C. A hipótese lacaniana. **Revista Percurso**, v. 29, n. 2, p. 5-13, 2002.

SOUZA, M. L. A. **A paleontologia como ferramenta comparativa do método de ensino tradicional e metodologia ativa**. 2018. 48 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE), 2018

TONG, A; SAINSBURY, P., CRAIG, J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. **Int J Qual Health Care**, v.19, n.6, pg. 349-57, 2007.

TEIXEIRA, M. R.; COUTO, M. C. V.; DELGADO, P. G. G. Atenção básica e cuidado colaborativo na atenção psicossocial de crianças e adolescentes: facilitadores e barreiras. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1933-1942, 2017.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a temática sexualidade ainda é complexa e permeada de tabus e preconceitos. Nesse estudo, foi possível avaliar o nível de conhecimento sobre sexualidade e adolescência de 41 graduandos do curso de Enfermagem, provenientes, em sua maioria, do ensino fundamental e médio da rede pública em que quando abordado sobre a temática prevaleceu o conhecimento voltado para questões biológicas e patológicas, visto que o maior número de acertos desses estudantes foi voltado para corpo, ISTs e métodos contraceptivos, enquanto o conhecimento prévio sobre identidade de gênero, violência e direitos foi menor.

Apesar disso, após serem submetidos ao ensino durante a graduação, na unidade curricular que utiliza metodologias ativas, houve um aprendizado significativo, elevando o nível de conhecimento dos graduandos, visto que a proporção de acertos gerais no pré e pós-teste do estudo um, apresentou aumento significativo na média de acertos, principalmente nas questões relacionadas à dimensão construção do corpo humano. Por outro lado, questões sobre gênero e violência, apesar de também apresentarem resultados significativos, tiveram quantidade de acertos semelhantes no pré e pós-teste.

Ao abordar os achados deste estudo com os “sete saberes necessários para educação do futuro” propostos pelo filósofo francês Edgar Morin, ficou evidente que a formação de qualidade para o futuro profissional de saúde, é peça fundamental para gerar profissionais capacitados para disseminação correta do conhecimento, de forma humanizada e livre de preconceitos, além da prestação de uma assistência de qualidade à população, promovendo ações de promoção e prevenção de saúde, visando diminuir agravos à saúde da população em todas as faixas etárias.

A unidade de sexualidade é factível e pode ser implantada em outros cursos de graduação, bem como a realização de projetos de ensino/pesquisa/extensão para oportunizar aos estudantes de outros cursos a participação e obtenção do conhecimento sobre a temática.

Além disso, os sugere-se aos cursos de Enfermagem implementar uma unidade específica voltada para o cuidado da sexualidade humana e adolescência, visto que este grupo apresenta particularidades únicas, adequando sua realidade curricular seja ela pública ou privada.

APÊNDICE A

Instrumento de coleta de dados (Pré e pós-teste)

PRÉ-TESTE			
Seção 1 – Questionário sociodemográfico			
QUESTÕES			
Iniciais do nome (Exemplo: L.S.)			
Idade (em anos)			
Sexo			
Estado civil			
Cor/etnia			
Religião			
Renda			
Seção 2 – Pré-teste			
<p>Constructo do conhecimento: Com relação a construção do CORPO FEMININO E MASCULINO. Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:</p>			
Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
A menarca é a primeira menstruação da mulher.			
Nem toda mulher apresenta sangramento e/ou dor na primeira relação sexual.			
Ter relação sexual faz crescer as mamas e o glúteo.			
A masturbação e o absorvente interno não podem romper o hímen.			
Nem todas as mulheres apresentam sangramento ao romper o hímen.			
Semenarca é a primeira ejaculação do menino.			
Polução noturna é a ejaculação que ocorre durante o sono.			
O homem não tem como saber se a mulher é virgem ou não.			
O prazer feminino não depende do tamanho do pênis.			
O local de prazer do homem e da mulher não é apenas no pênis ou na vagina.			
A sexualidade é ampla, abrange o sexo e elementos associados a ele, assim como fatores morais que cada cultura elabora.			
<p>Constructo do conhecimento: Com relação a GÊNERO. Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:</p>			
Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei

Gênero e identidade de gênero têm significados diferentes.			
Identidade de gênero e orientação sexual tem significados diferentes.			
Há diferença entre transgênero e transsexual.			
A sigla "LGBT" atualmente é "LGBTQIAP+"			
Constructo do conhecimento: Com relação aos MÉTODOS CONTRACEPTIVOS . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:			
Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
Nenhum método contraceptivo tem 100% de eficácia comprovada.			
A camisinha masculina não deve ser aberta com os dentes.			
Não se pode utilizar duas camisinhas ao mesmo tempo.			
Camisinha previne Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez.			
É importante receber orientação médica para fazer uso de uma pílula anticoncepcional.			
A pílula do dia seguinte não pode ser utilizada com frequência.			
É possível engravidar apenas com o líquido da lubrificação peniana, sem mesmo ter ocorrido a ejaculação.			
O coito interrompido, "gozar fora", não é considerado um método contraceptivo eficaz.			
O DIU não é percebido em uma relação sexual.			
A vasectomia e a laqueadura são métodos contraceptivos cirúrgicos.			
Constructo do conhecimento: Com relação as INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST) . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:			
Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
Não existe cura para HIV/Aids, mas existe tratamento.			
HIV é diferente de Aids.			
Não contrai HIV se abraçar ou pegar na mão de uma pessoa soropositiva.			
Uma mulher soropositiva pode gerar filhos sem HIV, se estiver fazendo o tratamento corretamente.			
HPV é diferente de HIV.			
Uma pessoa com HIV, se seguir o tratamento corretamente, pode não transmitir o vírus.			

Se uma pessoa teve Sífilis no passado, se exposta, pode se infectar novamente.			
O tratamento da Sífilis é feito com Benzilpenicilina benzatina (conhecida popularmente por "Benzetacil").			
Herpes genital, gonorréia, hepatite (A, B e C), também são consideradas IST.			
Constructo do conhecimento: Com relação a VIOLÊNCIA e DIREITO DOS ADOLESCENTES . Assinale o que você considera como verdadeiro ou falso nas afirmativas a seguir:			
Afirmativas	Alternativas		
	Verdadeiro	Falso	Não sei
ECA é a sigla dada para Estatuto da Criança e do Adolescente.			
Meninas de 12 anos ou mais podem passar por consulta no posto de saúde para fazer uso de anticoncepcional sem acompanhante responsável.			
A partir de 14 anos é possível fazer o teste rápido de HIV sem um acompanhante responsável.			
O ECA busca a proteção integral das crianças e do adolescente.			
O pós-teste foi igual ao pré-teste, porém sem o questionário sociodemográfico			

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Graduandos

Convido você para participar de um recorte da pesquisa intitulada “**ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE & EXPOSIÇÃO AO HIV EM ESTADOS BRASILEIROS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, GEOESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PREVENTIVAS MULTIPLICADORAS**”. O objetivo deste estudo é desenvolver, validar, implementar e avaliar o efeito de ações de promoção da saúde sexual, prevenção e redução da exposição ao HIV e Aids para adolescentes, jovens, graduandos de enfermagem, profissionais de saúde e professores do ensino fundamental II e médio. Este estudo será autorizado pela Secretaria Estadual de Educação e com parecer favorável sob o número (466/2012) do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina-PR.

Solicito sua autorização para realizar gravações durante a realização do grupo focal, para que as informações possam ser utilizadas na pesquisa, nos artigos a serem publicados e nas apresentações de trabalhos em eventos. Os resultados poderão subsidiar propostas de ações para melhorar a prevenção e reduzir a transmissão de HIV/Aids para adolescentes e jovens. Após o término da pesquisa as gravações serão destruídas, garantindo sigilo dos dados, não sendo utilizado para pesquisas futuras.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você:

Recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, a preservar sua identidade, em momento algum seu nome será divulgado; Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerada por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os possíveis riscos do estudo se referem a disponibilizar seu tempo e alguns desconfortos que pode ter durante a oficina, porém poderá interromper sua participação a qualquer momento. Faremos o possível para auxiliá-la caso algum desconforto ocorra, esclarecendo-o(a) ou tranquilizando-o(a) e providenciando encaminhamentos, caso seja necessário. em concordância com a resolução 466/12 CEP/CONEP, quaisquer riscos que ocorram com os participantes dessa pesquisa, serão amparados pelo pesquisador responsável. **Os benefícios** deste estudo é conscientizar os adolescentes e jovens acerca do tema e assim conseguir minimizar os índices de novas infecções pelo HIV.

Caso você apresente dúvidas ou necessidade de maiores esclarecimentos poderá entrar em contato com Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari, pelo telefone celular (43) 99914-1138, ou via e-mail: ropimentaferrari@uel.br. Você também pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br. Para maiores informações ou em caso de não querer mais participar do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina pelo telefone (43) 3371-4000.

Este termo deverá ser preenchido e assinado em duas vias de igual teor, sendo uma delas entregue à você e a outra arquivada com o pesquisador. Tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima, caso seja menor de idade o responsável é quem irá preencher e assinar a autorização.

Assinatura do pesquisado

Como pesquisador, declaro:

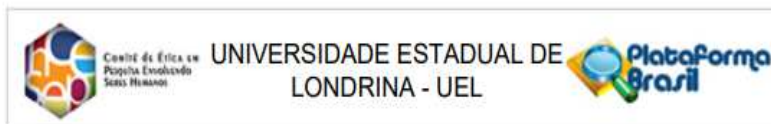
Ter realizado todas as orientações necessárias.

Pesquisador- RG

Cidade:.....-PR,.....de.....de 20.....

ANEXO A

Parecer de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE & EXPOSIÇÃO AO HIV EM ESTADOS BRASILEIROS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, GEOESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PREVENTIVAS MULTIPLICADORAS

Pesquisador: Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 61140022.5.0000.5231

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Londrina - UEL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.681.581

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa intitulado "ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE & EXPOSIÇÃO AO HIV EM ESTADOS BRASILEIROS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, GEOESPACIAL E DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PREVENTIVAS MULTIPLICADORAS", sob responsabilidade da pesquisadora Prof. Dr. Rosângela Aparecida Pimenta Ferrari, vinculada ao CCS UEL.

Trata-se de pesquisa de natureza quantiqualitativa, de multimétodo e sequenciada a ser realizada em cinco estados brasileiros (Goiás, Pará, Ceará, Paraná e Rio Grande do Norte), contudo não se trata de estudo multicêntrico. A população de estudo será selecionada de acordo com a área adscrita da Unidade de Saúde da Família sendo, adolescentes e jovens (10 a 24 anos), graduandos de enfermagem, profissionais de saúde da atenção primária e professores da educação básica (fundamental e médio).

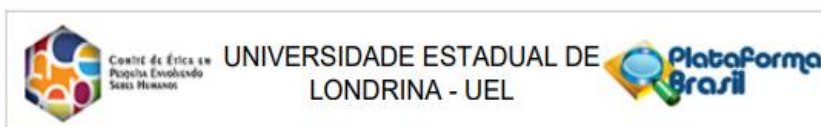
O estudo contará com três grandes etapas, a saber:

- (1) Análise do cenário atual;
- (2) Desenvolvimento e validação de tecnologia educacional e
- (3) Implementação e avaliação de estratégias de enfrentamento do problema.

A etapa 1 será constituída por três subprojetos:

- 1a. 1.b, estudos de caráter ecológico retrospectivo com abordagem quantitativa que envolverá a determinação da expressão geográfica do HIV e Aids entre adolescentes e jovens (10 a 24 anos)

Endereço: LABESC - Sala 14
Bairro: Campus Universitário
UF: PR **Município:** LONDRINA **CEP:** 86.057-970
Telefone: (43)3371-5455 **E-mail:** cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.681.581

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	28/07/2022 21:24:19	Rosangela Aparecida Pimenta Ferrari	Aceito
----------------	-----------------------------	------------------------	--	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 04 de Outubro de 2022

Assinado por:
Adriana Lourenço Soares Russo
(Coordenador(a))

Endereço: LABESC - Sala 14
Bairro: Campus Universitário
UF: PR **Município:** LONDRINA **CEP:** 86.057-970
Telefone: (43)3371-5455 **E-mail:** cep268@uel.br